



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – MESTRADO**

PAULA CARLOS DE SOUZA

**FÉ E CRISE DE SENTIDO EM CONTEXTO DE TRAVESSIA:
Uma experiência no Pátio da Missão Paz**

**RECIFE
2023**

PAULA CARLOS DE SOUZA

**FÉ E CRISE DE SENTIDO EM CONTEXTO DE TRAVESSIA:
Uma experiência no Pátio da Missão Paz**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião.

Área de Concentração: Ciências da Religião e Teologia – Código 44

Linha de pesquisa: Campo Religioso Brasileiro: Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Sezino Douets Vasconcelos

RECIFE

2023

S729f

Souza, Paula Carlos de

Fé e crise de sentido em contexto de travessia :
uma experiência no Pátio da Missão Paz / Paula Carlos
de Souza, 2023.
89 f.

Orientador: Sergio Sezino Douets Vasconcelos
Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências
da Religião. Mestrado em Ciências da Religião, 2023.

1. Religião – Aspectos sociais. 2. Fé. 3. Migração.
4. Obras da igreja junto aos imigrantes. I. Título.

CDU 2: 301

Luciana Vidal - CRB 4/1338

TERMO DE APROVAÇÃO

PAULA CARLOS DE SOUZA

FÉ E CRISE DE SENTIDO EM CONTEXTO DE TRAVESSIA: Uma experiência no Pátio da Missão Paz

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) para obtenção do título de Mestre em CIÊNCIAS DA RELIGIÃO.

Em, 27 de janeiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Paolo Parise
Examinador Externo



Prof. Dr. Drance Elias da Silva
Examinador Interno



Prof. Dr. Sergio Sezino Douets Vasconcelos
Orientador

RECIFE
2023

Ao meu pai, Severino, que celebrou sua páscoa logo que esse caminho foi iniciado e às pessoas que, de diferentes modos, vivem processos de travessias.

Bendito seja Deus, de todos os povos, de todas as crenças, pelo dom da vida e do entendimento.

Bendito seja pelo dom da minha família, aquela que nasci e aquela que escolhi para viver a fé e a vocação.

Bendito seja pelo conhecimento compartilhado por todos aqueles e aquelas que fazem o Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco.

Bendito seja pela oportunidade de ser parte da história da Universidade Católica de Pernambuco e por todo incentivo oferecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Bendito seja por toda sabedoria, experiência, paciência, respeito e dedicação do Prof. Dr. Sergio Sezino Douets Vasconcelos, que me orientou e caminhou ao meu lado nos momentos de travessias.

RESUMO

Sob a angustia de um mundo em pandemia, fizemos a experiência do desenvolvimento dessa pesquisa, que traz em si as marcas das impossibilidades que um vírus nos impôs. A própria experiência da travessia se fez necessária, tanto na compreensão dos conceitos, quanto no processo metodológico. No entanto o caminho se fez e apresentamos essa pesquisa em três capítulos, para cada deles um verbo indica o caminho e orienta o objetivo que se deseja alcançar: CONHECER, COMPREENDER E (RE)SIGNIFICAR. O primeiro capítulo, apresenta um panorama da realidade migratória atual, os principais deslocamentos e as razões que o motivam e identifica as características que os diferenciam de acordo com os grupos específicos. A partir da realidade mundial, nos debruçamos sobre a migração no Brasil, aproximando-nos do território a ser estudado e da Missão Paz, instituição onde parte dessa pesquisa se fundamenta. Por fim, dedicamos uma atenção às festas que acompanham os dois grupos de migrantes ao qual esse texto dedica maior atenção: os mexicanos com a celebração do *'Día de Muertos'* e os peruanos com *'La festividade em honor al Señor de los Milagros'*. No segundo capítulo nos dedicamos a compreender os principais conceitos que orientam a pesquisa: crise de sentido, fé, significação e ressignificação, lugar, não-lugar e entrelugares. O conhecimento desses conceitos nos proporciona uma leitura fundamentada da experiência migratória narrada por um grupo de migrantes mexicanos e peruanos. São esses relatos que estruturam o terceiro capítulo, que tem como objetivo visitar as experiências compartilhadas pelos migrantes através de entrevistas semiestruturadas. que se tornaram fonte de conhecimento fundamental para o desenvolvimento do texto. Nas histórias contadas e nas vidas entrelaçadas, encontramos as experiências de um povo que encontra na fé possibilidades de superação da ausência, que buscam na crise a certeza da presença de um ser superior que os sustentam na caminhada.

Palavras-chaves: Migração, travessia, crise de sentido, significação, fé.

ABSTRACT

Under the anguish of a world in pandemic, we experienced the development of this research that carried in itself the marks of the impossibilities that a virus imposed on us. The experience of the crossing itself was necessary, both in the understanding of the concepts and in the methodological process. However, the path was made and we present this research in three chapters, for each of them a verb that indicates the path and guides the objective to be reached: TO KNOW, TO UNDERSTAND, AND TO (RE)SIGNIFY. The first chapter presents an overview of the current migratory reality, the main displacements and the reasons that motivate them, and identifies the characteristics that differentiate them according to specific groups. Starting from the world reality, we look at migration in Brazil, approaching the territory to be studied and Mission Paz, the institution where part of this research is based. Finally, we pay attention to the festivals that accompany the two groups of migrants to whom this text pays more attention: the Mexicans with the celebration of "Día de Muertos" and the Peruvians with "La festividad en honor al Señor de los Milagros". In the second chapter we dedicate ourselves to understanding the main concepts that guide our research: crisis of sense, faith, signification and re-signification, place, non-place, and in-between places. The knowledge of these concepts offers us a grounded reading of the migratory experience narrated by a group of Mexican and Peruvian migrants. It is these accounts that structure the third chapter, which aims to visit the experiences shared by the migrants through semi-structured interviews. which became a fundamental source of knowledge for the development of the text. In the stories told and in the lives intertwined, we find the experiences of a people who find in faith possibilities of overcoming absence, who find in the crisis the certainty of the presence of a Supreme Being that sustains them on their journey.

Keywords: migration, traversing, crisis of sense, signification, Faith

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O TEMA DA MIGRAÇÃO: Questões históricas e atuais	15
2.1. Glicério: a saga de um território	22
2.2. A Missão Paz: Instituição e Missão	30
2.3. Migrantes Mexicanos e o ‘ <i>Día de Muertos</i> ’	37
2.4. Migrantes Peruanos e ‘ <i>La festividade em honor al Señor de los Milagros</i> ’	42
3. DEBATES TEÓRICOS: Compreendendo conceitos.....	47
3.1. As Estruturas de Plausibilidade e sua relação com o lugar	48
3.2. A construção do sentido e o desenrolar da crise	50
3.3. Comunidades de Vida e a experiência da fé	53
3.4. Viver entrelugares e a possibilidade do retorno	56
4. LUGARES DE FALAS: Relatos de uma experiência	59
4.1. Processos de travessia	60
4.2. Ser migrante, estar com migrantes: desafios e perspectivas	64
4.3. Resignificações	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
ANEXO 1 – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	79
ANEXO 2 – RELAÇÃO DAS PESSOAS ENTREVISTADAS	81

1. INTRODUÇÃO

Sob a angustia de um mundo em pandemia, fizemos a experiência do desenvolvimento dessa pesquisa, que traz em si as marcas das impossibilidades que um vírus nos impôs. Não podemos dizer que o texto que segue não sofreu as consequências do mal mundial, que matou muitos e desviou o rumo da história da humanidade, em todos os sentidos que comporta a pessoa humana. Diante da dor, sinais de ternura nos permitiu continuar e a tal da resiliência foi moldando um novo percurso, uma nova possibilidade, um novo jeito de ser pessoa, um novo jeito de compreender a vida e uma nova necessidade de descobrir o que, de fato, é essencial.

Considerar a realidade pandêmica que ainda estamos vivendo é necessário para compreender os desafios que a metodologia da pesquisa, aqui proposta, precisou adequar-se. Não vamos nos permitir entrar no assunto do impacto que a pandemia causou na realidade migratória do Brasil e do mundo, primeiro por não ser esse o nosso objeto de estudo, segundo, por não termos conhecimento suficiente para tal desenvolvimento. No entanto, quando falamos da estrutura metodológica pretendida, a pandemia nos faz mudar o percurso escolhido. A princípio, parte da pesquisa seria desenvolvida *'in loco'*, junto a Missão Paz, em contato direto com os grupos de migrantes escolhidos e os profissionais e pesquisadores que colaboram diretamente com a instituição. Todavia, a impossibilidade de viajar, de encontrar, de conviver, de tocar a realidade no próprio chão onde ela acontece, nos obrigou a algumas adaptações e alterações. E tudo o que antes estava previsto para ser real, tornou-se virtual, com auxílio de plataformas digitais e uma rede de apoio que, de forma lenta e desafiadora, foi se formando, até conseguirmos a escuta necessária para prosseguirmos. Diante disso, dispomos a pesquisa em três capítulos que nos ajudam a chegar ao núcleo que pretendíamos alcançar, para cada capítulo um verbo indica o caminho e orienta o objetivo que se deseja alcançar: CONHECER, COMPREENDER E (RE)SIGNIFICAR.

No primeiro capítulo, apresentamos um panorama da realidade migratória atual, os principais deslocamentos e as razões que o motivam, identificando as características que os diferenciam de acordo com os grupos específicos. A partir da realidade mundial, nos debruçamos sobre a migração no Brasil, com um rápido olhar sobre a história que atravessa os dois últimos séculos de formação do território com a chegada de migrantes vindos de vários lugares do mundo. Observar esses

elementos nos permitiu chegar ao Glicério, lugar onde se encontra a Missão Paz e ponto de chegada de muitos migrantes que aportam em terras paulistanas. E por falar em Missão Paz, é aqui também que vamos conhecer um pouco da instituição, as igrejas que a compõem, os núcleos de acolhimento e serviços aos migrantes, assim como o centro de pesquisa que ali se encontra, sempre proporcionando uma possibilidade de construção do conhecimento, bem como sua mediação na defesa dos direitos dos migrantes e do acompanhamento na elaboração de políticas públicas para migrantes e refugiados. Por fim, dedicamos uma atenção às festas que acompanham os dois grupos de migrantes ao qual esse texto dedica maior atenção: os mexicanos com a celebração do ‘*Día de Muertos*’ e os peruanos com ‘*La festividade em honor al Señor de los Milagros*’.

O segundo capítulo se dedica ao estudo dos principais conceitos que orientam o caminho da pesquisa: crise de sentido, fé, significação e ressignificação da própria existência, a experiência do lugar, do não-lugar e dos entrelugares. O nosso objetivo é apresentar um aporte teórico que nos ajuda a identificar a relação do migrante com seu lugar de origem e de chegada, identificando o movimento interno que o externo provoca na reconstrução da própria identidade e das estruturas de plausibilidade que firmam a pessoa e a orienta no caminho a seguir. Seguimos a partir de Peter Berger e Thomas Luckmann, que introduzem o tema desta pesquisa. Com uma abordagem social da religião, o autor apresenta-nos uma sociedade plural, dinâmica e em constante busca de significado. Sua produção bibliográfica, nos propõe uma reflexão sobre a mobilidade humana em relação às grandes mudanças socioantropológicas vividas na humanidade nos dois últimos séculos. Para Berger e Luckmann (2014, p. 221), as relações sociais e os processos que delas se desencadeiam modelam, estruturam e mantêm a identidade do indivíduo ao mesmo tempo que essa interage sobre a realidade social em que vive. Ainda, o conceito de sentido apresentado por Berger e Luckmann (2012) representa um parâmetro de análise fundamental para traçar um caminho metodológico de observação do migrante/refugiado em processo de travessia e inserção em uma nova realidade social e religiosa. São essas experiências vividas e compreendidas por grupos de migrantes, que Berger e Luckmann (2012), apresentam como resultado das vivências relacionadas aos fatos e temas que significam ou não para a pessoa em relação com o todo. O autor continua identificando as “comunidades de vida” (BERGER; LUCKMANN 2012, p. 32) como

grupos constituintes de formação e consolidação de sentido, sejam essas comunidades originárias ou grupos que se formam posteriormente, a partir da própria escolha e/ou identificação ou a partir da necessidade de um novo modo de vida. Da mesma forma, continua o autor, a modificação ou o desequilíbrio nas comunidades de vida tornam-se geradores de crises de sentido, sejam essas crises subjetivas ou intersubjetivas. Os conceitos apresentados por Berger e Luckmann são aprofundados e complementados a partir da leitura de autores como Stuart Hall (2006) e sua abordagem quanto a formação da identidade em relação ao espaço-tempo; Marc Augè (1994), que narra a experiência do não-lugar como resultado da ausência da relação, da história construída e conseqüentemente com a ausência da identidade que forma o sentido de comunidade. Por fim, nos encontramos com Abdelmalek Sayad (2000), que nos coloca na dinâmica do retorno que provoca um duplo sentido de ausência nas pessoas que são submetidas aos processos migratórios.

O encontro com esses autores nos proporciona uma leitura fundamentada da experiência migratória narrada por um grupo de migrantes mexicanos e peruanos, aos quais tivemos a grata satisfação de ouvir numa conversa cheia de vida e sentido. São relatos dessa vivência que compõem o terceiro capítulo desse trabalho, que tem como objetivo visitar as experiências compartilhadas em depoimentos orais estruturados num momento de conversa via *Google Meet*, e que se tornaram fonte de conhecimento fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa. Ainda, observar a partir do aporte teórico do capítulo anterior com se dá os processos de ressignificação entre os migrantes, compreendendo nos relatos de cada um os conceitos apresentados pelos autores estudados. Nesse sentido, o terceiro capítulo se torna um núcleo dessa experiência de pesquisa, ou seja, nele podemos observar como, de certo modo, a teoria é identificada na prática e como cada migrante encontra uma forma de reconstruir a própria existente, sem perder a memória do passado que o identifica como parte de um território e o prepara para se integrar a outro.

Apresentado o caminho que essa pesquisa pretende seguir, consideramos oportuno, ainda nesse início, apresentar o significado dos verbos, migrar, imigrar, emigrar e refugiar, que, embora se assemelhem, trazem significados diferentes, mesmo que em alguns casos se complementem. Conhecer esses conceitos nos permite encontrar o recorte adequado para seguir na leitura do texto. Também é importante considerar que mesmo sendo esses os termos utilizados com mais

frequência, não é difícil encontrarmos hoje, principalmente em artigos e livros mais recentes, expressões, como: Deslocamentos Internacionais e Mobilidade humana. Para Severino (2012, p. 1), os conceitos podem ser compreendidos diferentemente de acordo com o tempo e com a realidade que contextualiza o processo migratório, diz ele: “A experiência de quem vive em movimento sobre o território oferece perspectivas amplas demais para serem sempre as mesmas”. Desse modo:

Migrar, refere-se ao processo de ir de um determinado lugar para outro (FERREIRA, 1986, p. 1133), não se limita a percursos, distâncias ou a contextos específicos. Migra-se por necessidade ou por opção, sozinho, em família ou em grupos, desloca-se na expectativa do encontro ou do reencontro com uma realidade desejada.

Imigrar e emigrar são duas palavras dependentes entre si, se imigrar é a ação de quem entra num país estranho e ali organiza um novo abrigo (FERREIRA, 1986, p. 919), emigrar é o ato de deixar seu próprio território para se estabelecer em outro (FERREIRA, 1986, p. 634). Todo imigrante é, em si, um emigrante, rompe com uma realidade para se adaptar a outra, trazendo consigo todas as identidades, sentidos e significados.

Quando o deslocamento é uma realidade necessária à sobrevivência, tornar-se necessário o refúgio, ou seja, a busca de abrigo em outra nação quando o país de origem não assegura o direito à vida, à saúde, à liberdade religiosa, à segurança própria e da família. Ferreira (1986, p. 1473), diz que o ato de refugiar é um “retirar-se para um lugar seguro, acolher-se, abrigar-se, [...] resguardar-se, amparar-se”. As razões que obrigam a necessidade de refúgio são variadas: Conflitos armados, onde a liberdade não é mais um direito e a vida está constantemente ameaçada; Intolerância religiosa, tantas vezes provocadas pelo extremismo religioso; Instabilidade política, econômica e social, quando a situação de um determinado lugar não garante segurança social e alimentar e o desemprego e a fome são uma constante ameaça a vida; desastres naturais, seguido de grande dano ao lugar de origem, como o terremoto que atingiu o Haiti em 12 de janeiro de 2010, que findou na morte de

milhares de haitianos e obrigou muitos outros a buscar melhores condições de vida em outros países¹.

Por fim, expressões como deslocamentos forçados e/ou internacionais e mobilidade humana, englobam, de certo modo, os demais conceitos, tornando mais expressiva a dinâmica da movimentação de pessoas e grupos em constante submissão aos processos de deslocamentos. Devido a abrangência que o conceito permite, o encontramos com mais frequência em textos jornalísticos e artigos científicos mais atuais. O Papa Francisco muito nos tem falado sobre os deslocamentos forçados, chamando-nos a atenção para os crescentes processos de travessias por terra e mar, que tem provocado a morte de muitas pessoas e submetendo outras a condições sub-humanas, seja no percurso, seja no lugar de destino.

A necessidade de clarear os conceitos vem para nos ajudar a limitar o termo a ser usado durante toda a pesquisa. Para tornar o texto mais fluido e objetivo usaremos sempre a palavra MIGRANTE quando nos referirmos à todas as pessoas que vivem a experiência da travessia, a escolha se dá pela possibilidade que a palavra oferece de abraçar todos os grupos, os que saem e os que chegam, sejam esses por livre escolha ou de forma forçada. É certo que, sempre que a definição mais precisa for considerada oportuna para compreender o texto não limitaremos o uso. Com isso, nos dispomos a seguir com a leitura sempre conscientes que não é nosso objetivo esgotar o assunto, mas apontar elementos que provoque uma busca e desperte o interesse de quem o ler em seguir aprofundando o tema proposto.

¹ Para o Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil, pessoas vítimas de desastres ambientais não são reconhecidas como refugiadas no Brasil. A Lei nº 9.474/1997, que implementa o Estatuto dos Refugiados, e a Lei nº 13.445/2017, que institui a Lei de Migração, não estabelece nenhuma relação entre desastres ambientais e necessidade de refúgio. No entanto, a discussão sobre o reconhecimento dos refugiados ambientais, ganha sempre mais força entre pesquisadores e ativista. Sobre o tema, seus aspectos históricos e indicação de bibliografia é importante a leitura do artigo de Júlia Barbosa, disponível em: <<https://csvm.ufg.br/n/140699-quem-sao-os-refugiados-ambientais>>. Acesso em: 5 jan 2023. A relevância da discussão verifica-se, inclusive, quando o mesmo é tema da redação do processo seletivo da FUVEST/2023. Informação disponível em: <<https://www.fuvest.br/fuvest-2023-fuvest-divulga-tema-da-redacao-do-vestibular-2023/#:~:text=A%20FUVEST%20prop%C3%B4s%20o%20tema,reda%C3%A7%C3%A3o%20do%20Concurso%20Vestibular%202023.>> Acesso em: 9 jan 2023.

2. O TEMA DA MIGRAÇÃO: Questões históricas e atuais

Na última década o tema da migração no Brasil e no mundo se tornou cada vez mais recorrente.² Embora o aumento das notícias sobre o assunto tenha ganhado força em um período de tempo relativamente curto, a realidade da migração atravessa os séculos e rompe as fronteiras da humanidade, miscigenando os povos e rearticulando as políticas migratórias.

Migrar sempre foi um ato próprio de todas espécies de animais, são esses deslocamentos necessários que garantem a sobrevivência de muitas espécies, migra-se para buscar água e alimento, migra-se para se reproduzir, migra-se para garantir a vida. Entre os seres humanos a dinâmica se mantém, embora suas condições muitas vezes não sejam tão naturais quanto em outras espécies, quando considerado as causas e os impactos à vida que esses processos desencadeiam. As grandes crises políticas, econômicas, sociais, climáticas e religiosas ao redor do mundo provocaram, e ainda provocam, grandes movimentações humanas, exigindo novas realidades socioeconômicas e obrigando a busca de novas articulações políticas internacionais. Severino (2012, p. 2), diz que: “A grande imigração é irmã siamesa da nação moderna, sendo ambas filhas do capitalismo internacional do século XIX”.

A realidade migratória tem produzido variadas reações entre as principais lideranças das nações, seguidas, ou não, por seus habitantes. Episódios de xenofobia, rejeição, negligência e desprezo entre os que acolhem em relação aos que migram colocam-nos diante de cenas impactantes, como não lembrar dos grupos de africanos que se submetem a travessia do mar Mediterrâneo até chegar à Ilha de Lampedusa, sul da Itália? Silanus (2016)³, afirma que, “nos últimos 20 anos chegaram na ilha mais de 300.000 pessoas, segundo dados do Ministério do Interior Italiano e

² Essa afirmação inicial fundamenta-se, tanto nos autores que serão citados nessa pesquisa, como nas iniciativas acadêmicas e publicações desenvolvidas no período citado, entre elas destacam-se: Simpósio Internacional sobre Religião e Migração, já prevista sua 6ª edição para 2021 (Disponível em: <<http://www.missaonspaz.org/noticias/acontecimentos/09-03-2021/inscricoes-abertas-para-vi-simposio-internacional-sobre-migracao-e-religiao-1>>. Acesso em: 29 mar. 2021); a Revista Travessia, com sua publicação quadrimestral, editada pelo Centro de Estudos Migratórios, que também organiza o ‘Diálogos do CEM’: Evento mensal sobre o tema da migração (Disponível em: <<http://revistatravessia.com.br/eventos/dialogos-do-cem>>. Acesso em 29 mar. 2021); ainda os Anais do VI Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião, organizado pela Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE), realizado em 2017.

³ Disponível em: <<https://migramundo.com/lampedusa-a-porta-da-europa/>>. Acesso em: 03 ago. 2021.

do ACNUR, o Alto Comissariado da ONU para Refugiados”. Esse número, que se mantém sempre crescente, é um exemplo da fragilidade da condição migratória e dos processos de acolhimento.

Migrantes – Mar Mediterrâneo



Fonte: Getty Images

Travessias



Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Diante dessa realidade, expressões como: “Todos somos migrantes!”, se tornaram base para inúmeras pesquisas, campanhas, exposições e gritos em vários lugares no mundo. Basta colocarmos no *Google* para ver como ela se espalhou em muitos meios e línguas. Seu impacto é fruto de sua verdade, todos somos migrantes, imigrantes ou emigrantes, em travessias menos ou mais impactantes, sofrida ou vitoriosa, espontânea ou forçada.

Ao observarmos um panorama da dinâmica migratória no mundo compreendemos os desafios que essa realidade impõe, tanto nos países de origem e destino, bem como, e principalmente, nas diversas situações que afetam diretamente a pessoa em relação consigo e com o todo em que vive. Segundo a Organização Internacional para as Migrações – OIM, órgão das Nações Unidas – ONU, responsável em acompanhar a realidade das migrações no mundo, em relatório apresentado por McAuliffe e Triandafyllidou (2022, p. 11), em 2022 se deslocavam ao redor do mundo aproximadamente 281 milhões de migrantes internacionais. Um número que corresponde a 3,6% da população global, representando um aumento de 62% em relação ao ano 2000. Fome, guerra, crises econômicas e desastres naturais, somam as principais razões que obrigam os deslocamentos forçados, ainda segundo a OIM, estima-se que, aproximadamente, 26,4 milhões de pessoas se deslocaram para preservar a vida, ou seja, são vítimas de conflitos armados ou outras formas de violência que assolam seus lugares de origem, desse total de migrantes 48% são mulheres e 14,6% são crianças, o maior número já apresentado nas duas categorias.

O relatório da OIM (2022, p. 24-26) apresenta ainda, um panorama por continente, dos principais destinos dos migrantes internacionais, sendo o primeiro deles o continente europeu com 87 milhões de migrantes, o que corresponde a 30,9% do número total, seguido da Ásia com 86 milhões (30,5%), da América do Norte com 59 milhões (20,9%), da África com 25 milhões (9%), da América Latina e Caribe com 15 milhões (5,3%) e da Oceania com 9 milhões (3,3%). Os países que mais receberam migrantes na última década foram: Estados Unidos da América (51 milhões), Alemanha (16 milhões), Arábia Saudita (13 milhões), Rússia (12 milhões) e Reino Unido (9 milhões). Os principais lugares de origem dos migrantes internacionais são: Índia (18 milhões), México (11 milhões), Rússia (10,8 milhões), China (10 milhões), República Árabe Síria (8 milhões). Curioso perceber que a Rússia é o quarto país que mais recebe migrantes, ao mesmo tempo é o terceiro país na lista dos países de onde mais se migra. Conhecer os principais lugares de destino e as características dos grupos são importantes para compreender a dinâmica migratória, especialmente quando considerado o impacto dessa realidade nos territórios de chegada e a promoção de políticas públicas de acolhimento, tal como possibilidades de trabalho e educação e a valorização das manifestações culturais e religiosas.

Os dados apresentados, embora atuais, revelam um percurso que foi sendo construído ao longo da história. Devido ao recorte que a pesquisa propõe, nos limitaremos a apresentar um relato histórico do processo migratório em terras brasileiras, culminando com uma atenção especial a região do Glicério, território núcleo onde essa pesquisa ganha forma a partir das pessoas que colaboraram com depoimentos e partilhas da própria experiência.

A migração no Brasil acompanha todo o período de ocupação das suas terras, desde a vinda forçada de escravos durante os quatro primeiros séculos, até a ‘importação’ de colonos livres para o trabalho na lavoura. Parte desse processo se dá quando a Lei de Terras⁴ foi promulgada, em meados do século XIX, promovendo não somente a regularização para parcelamento do solo e a sua mercantilização, como

⁴ A Lei de Terras, marcou um novo período para o uso e posse da terra no Brasil. A corte portuguesa havia trazido para a terra de Santa Cruz o regime de Sesmarias, em que a terra era concedida àquele que dela fizesse uso e a mantivesse em constante produção. A Lei previa que todo aquele que não desse à terra o devido uso deveria requerer a titularidade da mesma, adquirindo-a a partir do pagamento do valor exigido. A terra já não podia ser negociada a título de favores e sua posse só podia ser dada mediante pagamento. Em área urbana, a Lei determinou o parcelamento das grandes glebas, a regularização dos lotes e a abertura de novas vias. (Cf: BRASIL. Lei Nº 601, de 18 de setembro de 1850.

também concedeu ao Estado a possibilidade de importar colonos europeus livres para o Brasil:

Art. 18. O governo fica autorizado a mandar vir annualmente á custa do Thesouro certo numero de colonos livres para serem empregados, pelo tempo que for marcado, em estabelecimentos agrícolas, ou nos trabalhos dirigidos pela administração publica, ou na formação de colônias nos logares em que estas mais convierem; tomando antecipadamente as medidas necessarias para que taes colonos achem emprego logo que desembarcarem (BRASIL. Lei Nº 601, de 18 de setembro de 1850).

Essa possibilidade permitida por lei é, de certa forma, uma consequência da Lei Eusébio de Queirós, promulgada em 04 de setembro de 1850, que previa a proibição do tráfico interatlântico de escravos, como resposta à pressão internacional para o fim do sistema escravocrata no Brasil. Essa lei, seguida da Lei do Ventre Livre (1871) e a Lei dos Sexagenários (1885), culminou na Lei Imperial nº 3.353 (1888 - Lei Áurea), que proibia o trabalho escravo em terras brasileiras⁵. Como o comércio de escravos já não era mais possível, e esses já não eram mais um bem comerciável para os brancos e abastados, tornou-se a terra, um objeto de negócio e poder, iniciando no Brasil um sistema de acúmulo de terras nas mãos de poucos ‘privilegiados’ que acompanha a história do país até os dias de hoje. Para garantir o status gerado pela terra, essa precisava produzir sempre mais e para isso a contratação da mão de obra assalariada e capacitada se faz necessária. O relato que segue exemplifica como se dava esse processo e a expectativa para a chegada de grupos de migrantes para o trabalho na lavoura:

Era o dia 04 de um abril chuvoso e a cidade amanheceu envolta numa garoa persistente e úmida. Theodoro Maria de Salles saiu de sua chácara à beira do caminho de Campinas e dirigiu-se à Chácara do Chá, onde o barão de Itapetininga o aguardava com sua sege para juntos, dirigirem-se à Casa do Trem. **Era um grande dia – a primeira leva de imigrantes italianos que iriam trabalhar em suas**

⁵ As leis citadas referem-se e estão disponíveis em: **Lei Eusébio de Queiroz, Lei Nº 581, de 4 de setembro de 1850**. Estabelece medidas para a repressão do tráfico de africanos neste Imperio. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim581.htm>. Acesso em: 30 mar 2021.

Lei do Ventre Livre, Lei Nº 2.040, de 28 de setembro de 1871. “Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daquelles filhos menores e sobre a libertação annual de escravos...” Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm>. Acesso em: 30 mar 2021.

Lei dos Sexagenários, Lei Nº 3.270, de 28 de setembro de 1885. “Regula a extinção gradual do elemento servil.” Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3270.htm>. Acesso em: 30 mar 2021.

Lei Áurea. Lei Nº 3.353, de 13 de maio de 1888. “Declara extinta a escravidão no Brasil.” Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3353.htm>. Acesso em: 30 mar 2021.

plantações de café tinha acabado de aportar em Santos e passaria por ali, rumo a interior (ROLNIK, 1997, p. 15, grifo nosso).

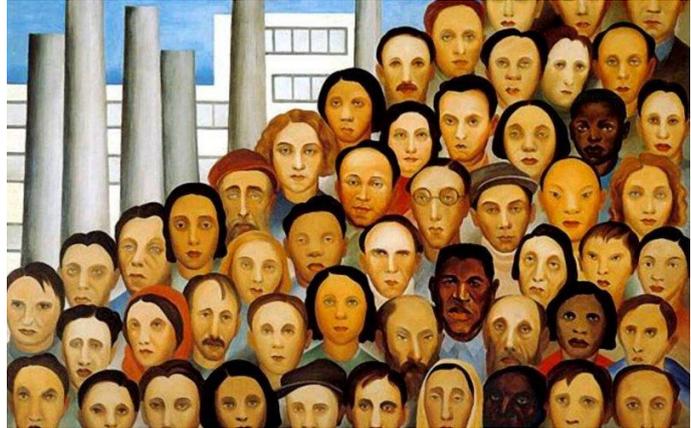
Os anos se passaram e a vinda de migrantes para o Brasil foi se tornando uma realidade sempre mais presente. Muitos desses deixaram seus países devido ao agravamento de conflitos armados, pela fome, por perseguição religiosa e política, por graves crises social e econômica, além dos desastres naturais.

Os Emigrantes



Antônio Rocco, 1910

Operários



Tarsila do Amaral, 1933

Segundo Barros (2017, p. 71), muitos foram os grupos que migraram para o Brasil nos dois últimos séculos, entre eles destacam-se: Alemães, italianos, japoneses, latinos, africanos e haitianos. Em 2007, por ocasião dos 500 anos da chegada dos Portugueses no Brasil, celebrado em 2000, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE (2007, p. 226), divulgou uma sequência de dados apresentando os fluxos migratórios que contribuíram para o povoamento do território. Observando-o é possível verificar a dinâmica que transformou o Brasil em um país multicolorido e diverso em ritos e costumes:

Estatísticas do povoamento: imigração por nacionalidade (1884/1933 e 1945/1959)

	Alemães	Espanhóis	Italianos	Japoneses	Portugueses	Sírios e Turcos	Outros
1884-1893	22.778	113.116	510.533	-	170.621	96	66.524
1894-1903	6.698	102.142	537.784	-	155.542	7.124	42.820
1904-1913	33.859	224.672	196.521	11.868	384.672	45.803	109.222
1914-1923	29.339	94.779	86.320	20.398	201.252	20.400	51.493
1924-1933	61.723	52.405	70.177	110.191	233.650	24.491	164.586
1945-1949	5.188	4.092	15.312	12	26.268	não ident.	29.552

1950-1954	12.204	53.357	59.785	5.447	123.082	não ident.	84.851
1955-1959	4.633	38.819	31.263	28.819	96.811	não ident.	47.599

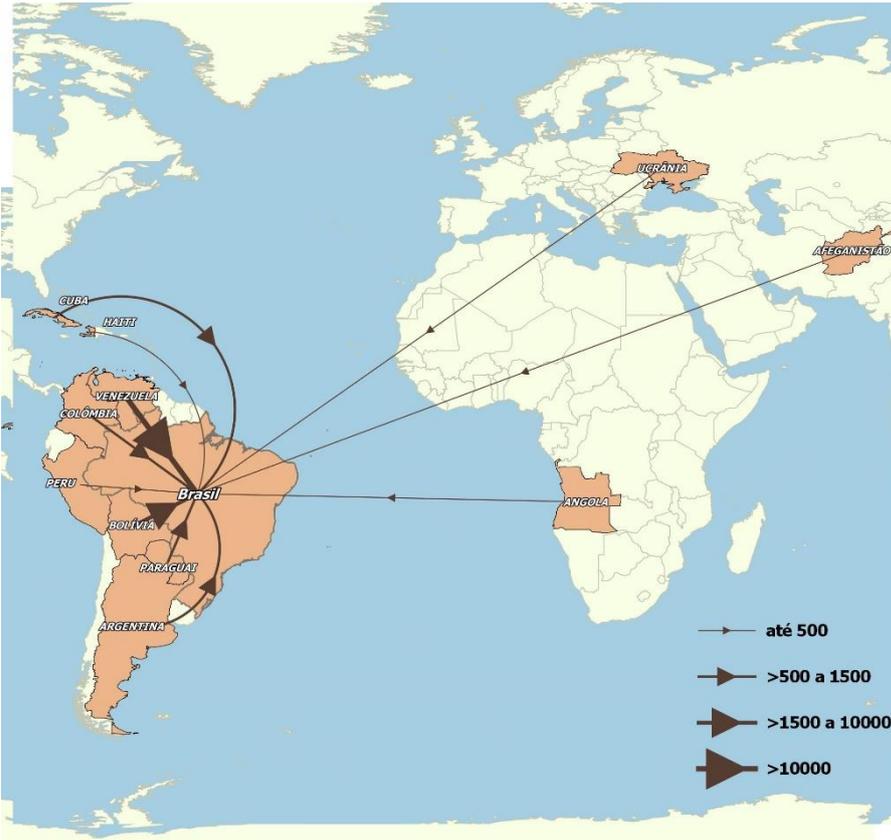
Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2007, p. 226

O crescente número de migrantes em terras brasileiras acompanha a realidade mundial. Embora o Brasil não esteja entre os países que mais acolheram migrantes nos últimos dez anos, os números são significativos. Em 2019, o Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), em relatório apresentado por Cavalcanti (2019, p. 2), diz que, somente na última década, entrou em terras brasileiras, aproximadamente, 775 mil pessoas oriundas de diversos países.

No início de 2020, o mesmo observatório, diz em seu relatório anual (CAVALCANTE. *et al.* 2020, p. 9), que entre 2010 e 2015 houve uma maior incidência de migrantes no Sul Global (senegaleses, congolese, angolanos, haitianos e venezuelanos), e entre 2015 a 2020, consolidou-se a migração latino-americana, em números, conclui o relatório, entre os anos de 2011 e 2019, entraram no Brasil 1.085,673 pessoas em situação de migração (número referente aos que solicitaram registro junto a Polícia federal). Desses, 660 mil solicitaram permanência de longa duração, ou seja, superior a um ano.

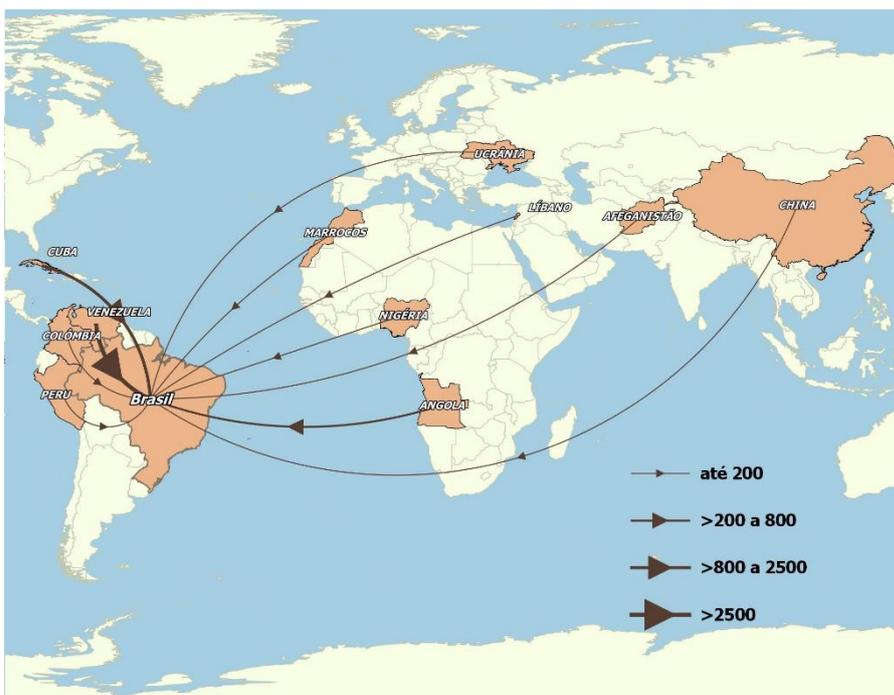
O Observatório das Migrações em São Paulo⁶, verificou que entre os anos 2000 e 2022, 1.781,924 migrantes solicitaram junto a Polícia Federal o Registro Nacional Migratório – RNM. A partir de 2013, foram emitidos mais 100 mil RNM a cada ano, sendo observado uma queda significativa apenas em 2020 (93 mil emissões de RNM), primeiro ano da pandemia do Coronavírus. De acordo com o Observatório o ano de 2021, houve quase o dobro de emissões de RNM (168 mil), provavelmente devido a regularização do atendimento fase a situação pandêmica que ainda se vivia no Brasil. De janeiro a março de 2022, foram emitidos pela Polícia Federal apenas 64 mil Registros. Segundo McAuliffe e Triandafyllidou (2022, p. 23), a pandemia do Coronavírus, pode ter reduzido o número de migrantes internacionais no mundo, considerando a impossibilidade de deslocamentos entre as fronteiras, de acordo com o relatório por eles apresentado, a pandemia impediu a movimentação de cerca de 2 milhões de migrantes.

⁶ Informações disponíveis em: <<https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracao-internacional/sinre-sismigra/>> Acesso em 10 jan 2023.



Número de registros de imigrantes, segundo principais países de nascimento, em novembro de 2022.

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Polícia Federal, Sistema Nacional de Registro Migratório (SisMigra), novembro de 2022.



Número de solicitantes de reconhecimento da condição de refugiado, segundo principais países, novembro de 2022.

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Polícia Federal, Solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, novembro de 2022.

Considerando que parte da pesquisa se desenvolve na cidade de São Paulo/SP, é oportuno apresentar alguns números referentes a entrada de migrantes na cidade, recordando que essas informações estão disponíveis na página online do

Observatório das Migrações em São Paulo, a partir do registro disponibilizado pela Polícia Federal. Entre os anos de 2000 e 2022 (em 2022 os dados referem-se apenas aos meses de janeiro a março), no estado de São Paulo, foram solicitados 595.369 registros, o maior número entre os estados da federação. Aqueles que permaneceram na cidade de São Paulo somam 394.818 registros emitidos, sendo os bolivianos o maior número de migrantes que fizeram a solicitação entre os anos citados acima, 103.123 registros emitidos, a eles somam-se os chineses com 27.963, os haitianos com 24.394, os peruanos com 17.957 e os estadunidenses com 17.775 solicitações. Vale observar que, somando os 11 países que compõem a América Latina, o número de migrantes com registro na cidade de São Paulo, corresponde a pouco mais de 45% do total (aproximadamente 178.122 registros).

Uma quantidade significativa dos migrantes que estão na cidade de São Paulo, ou que por ela passaram, viveram a experiência dos inícios na região central da cidade, seja devido a Missão Paz e a oportunidade que a Instituição oferece na emissão da documentação, no ensino da língua ou no direcionamento profissional, seja, pela necessidade de uma moradia alternativa nos cortiços que ali se acumulam. Deste modo, continuamos a pesquisa buscando conhecer o Glicério e um pouco da sua relação com a realidade migratória da cidade de São Paulo, desde a sua localização geográfica à sua história de acolhimento aos muitos grupos de migrantes que formaram a identidade própria do lugar.

2.1. Glicério: a saga de um território

O Glicério está localizado na região central da cidade de São Paulo, nos seus limites encontramos a Catedral de São Paulo, o bairro da Liberdade, conhecido por suas lojas e restaurantes japoneses, o Rio Tamanduateí, além de viadutos e vias emblemáticas na infraestrutura urbana da cidade. É uma região diversa do entorno e caracterizada pela realidade de abandono e descaso do poder público, muito embora sua boa localização. Ao longo da história, habitou todas as gentes, não importando sua origem, suas habitações foram organizadas e adaptadas de acordo com a realidade que se impunha sobre seu solo, sendo sempre capaz de abrigar e acolher.⁷

⁷ O Glicério está inserido nos distritos Sé e Liberdade, não é um bairro oficialmente instituído, seu reconhecimento como tal é dado pelo senso comum. O limite é organizado a partir da encosta da Tabatinguera até Rua Lavapés. O nome é dado devido a Rua do Glicério, uma das primeiras ruas abertas paralelamente a várzea do Tamanduateí.

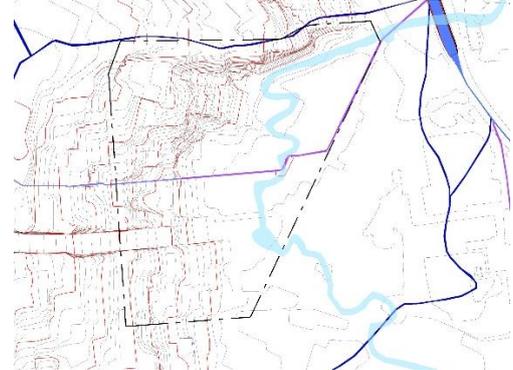
Nas imagens abaixo é possível ver como o Glicério se organiza na base oeste da colina, onde a cidade de São Paulo foi iniciada, até chegar na várzea onde o Rio Tamanduateí serpenteava livremente e recebia as águas dos córregos que banhavam a região. Um desnível de 30m entre o topo da colina e a várzea do Rio, caracterizará uma divisão física e social ao longo da história e tornando-se características físicas fundamentais para compreender o processo de ocupação do Glicério.

Vista aérea da área de estudo



Fonte: Google Maps

Topografia (com rio natural e retificado)



Fonte: Autora sobre Mapa Digital da Cidade de São Paulo/2004

Para conhecer melhor a realidade da região, é importante conhecer um pouco de sua história que se inicia as margens do Planalto de Piratininga, onde os Jesuítas se abrigaram e a cidade se desenvolveu entre três igrejas que ladeavam suas encostas e tornaram-se marcos limitadores da sua forma: Igreja São José de Anchieta/Pateo do Collegio (1553) Mosteiro São Bento (1598) e o Convento São Francisco (1647). “Estes três claustros, [...] ocupam todas as bandas do plateau, [...] delimitando a trama urbana colonial e convidando o casario.” (MARX, 1988, p. 113). De um pequeno núcleo se edificou a vila, o povoado, a cidade. Toledo (1981, p. 13) define a colina como “[...] uma acrópole que abrigou a cidade em seus primeiros séculos de existência”.

Vista da Colina histórica



Pintura: Jean-Baptiste Debred, s.d.

Várzea do Tamanduateí



Pintura: Arnaud Pallière, 1821

No final do século XVI, surgiu a necessidade de traçar as ruas que limitariam o pequeno vilarejo em vista de um ordenamento local. Esse provável “urbanismo” do século XVI dá-se a partir da demarcação dos limites do Rocio por parte dos oficiais da Câmara da vila. Em 1598, com o crescimento da população e dos limites da vila, a Câmara solicitou uma nova demarcação do Rocio, associando os seus limites aos limites físicos da colina. No entanto, “De porção em porção, os moradores reduziam os rocios a nada.” (NEVES, 2007, p. 102). O que obrigava o governo da vila a uma constante revisão e demarcação do Rocio a partir da expedição de Cartas de datas que determinavam os seus limites. Em 25 de março de 1724, com a Carta de Sesmaria ou Marco da meia légua, será novamente demarcada a área do Rocio de São Paulo em perímetro semelhante ao anterior, tendo como centro o antigo Largo da Sé (AMARAL, apud AB’SABER, 2004, p.495). O reconhecimento dos limites do Rocio permitirá compreender, desde a localização de edifícios e equipamentos religiosos e públicos ao processo de parcelamento do solo influenciado pela Lei de terras em 1850. Dentro desses limites surgem inúmeras chácaras que são possíveis de serem identificadas na base cartográfica de 1874. Entre elas está a chácara de D. Anna Machado. Essa formará parte do Glicério e junto com o parcelamento das demais chácaras caracterizará o início da expansão da cidade em direção ao sul.

É ao sul da colina que o Glicério está localizado, próximo ao Largo do Rocio, (hoje Largo Sete de Abril). Sabe-se que, para o primeiro cemitério público de São Paulo foram reservadas as terras do extremo sul da colina, essa informação se confirma nas bases cartográficas de cidade e na preservação da capela central do cemitério, hoje localizado junto a Praça da Liberdade. A inauguração do cemitério data de 1779 e serviu para sepultura dos pobres, entre eles os escravos que eram mortos na forca, que até 1891 estava instalada no morro, onde hoje está localizada a Praça da Liberdade. O cemitério foi totalmente desativado em 1858.

Morro da forca



Márcio Koprowski, 2014

Capela do Aflitos – Cemitério



Acervo Herman Graeser, 1939

Várzea do Rio Tamanduateí



Acervo: Instituto Moreira Sales, 1890

Até meados do século XIX, os mapas apresentam apenas duas edificações onde hoje está localizado o Glicério, a sede da Chácara de D. Anna Machado e um casarão que possivelmente foi a sede da Chácara de Francisco Machado, que passou a ser conhecida como Chácara do Ingleses. Somente com a promulgação de Lei de Terras, em 1850 (LEI Nº 601, de 18 de setembro de 1850)⁸, é que se inicia o parcelamento do solo e um lento processo de urbanização.

Deste modo, o Glicério se desenvolve, entre outros aspectos, a partir do Rio Tamanduateí. Quando Toledo (1996) detalha as fases do processo de urbanização da cidade de São Paulo a partir dos quatro “surto urbanísticos” que marcaram os governos de João Theodoro (1872-1875) até Prestes Maia (1938-1945), indica que em todos esses períodos a urbanização da Várzea do Rio Tamanduateí foi considerada necessária para o desenvolvimento da cidade: “Se o primeiro surto urbanístico ocorreu na administração de João Theodoro, poderíamos dizer que o Urbanismo em São Paulo nasceu na Várzea do Carmo, como era conhecida a várzea do Rio Tamanduateí.” (TOLEDO, 1996, p. 19).

O saneamento da Várzea do Carmo significava ampliar as possibilidades de desenvolvimento e modernização da cidade. A retificação do Tamanduateí iniciada durante o governo de Theodoro (1872 – 1875), viabilizou soluções imediatas para o progresso como: aberturas de vias paralelas a colina, vias de ligações entre a região do Brás e o centro, saneamento, construção do Parque da Várzea do Carmo, ampliação da linha de trens e de bondes e instalações de novas indústrias, que utilizavam das águas do rio para produção, descarte de resíduos e dos trens para escoamento da produção (TOLEDO, 1996, p. 19).

Chácara D. Anna Machado



Foto de Militão Augusto de Azevedo, 1862

Rio Tamanduateí – 1910



Acervo Instituto Moreira Sales, 1910

⁸ A Lei de terras, prevê que todo aquele que não dá à terra o devido uso deve requerer a titularidade da mesma, adquirindo-a a partir do pagamento do valor exigido. A lei implica no parcelamento das grandes glebas, na regularização dos lotes e na abertura de novas vias, acelerando a expansão do perímetro urbano. (LEI Nº 601, de 18 de setembro de 1850).

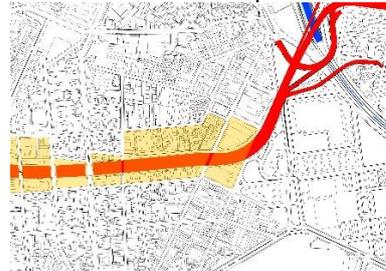
Entre todas as peculiaridades da região, a questão da moradia é primordial, no decorrer dos anos. A partir do parcelamento do solo, da retificação do rio, da industrialização da região, surgiu a necessidade de moradia para os operários da indústria, que acrescido da constante chegada de migrantes e a sempre crescente demanda habitacional do início do século XX, fez com que investidores privados iniciassem a construção de uma sequência de vilas operárias e fileiras de casas e sobrados para locação e venda, consolidando até o final da segunda década toda a área construída do Glicério. Somente em meados do século XX, foram construídos grandes edifícios habitacionais, com alturas e tipologias diversas.

Em 1942, quando o governo de Getúlio Vargas anuncia a implantação da Lei do Inquilinato,⁹ a produção rentista de imóveis enfrenta sérias crises, provocando uma série de consequências para a classe assalariada, como: o fim da produção de moradias para locação, despejos, cancelamentos de contratos, entre outros (BOMDUKI, 2011, p. 209), dando início a um acelerado processo de encortimento das unidades residenciais junto à área central da cidade. As vilas e os conjuntos de casas construídas pela iniciativa privada no Glicério não permaneceram imunes a essa situação. Com a crise habitacional, alguns investidores adaptam as unidades subdividindo-as em pequenos cômodos para assegurar o crescimento da renda ante as medidas governamentais. Outros optam por viabilizar a venda dos imóveis, algumas vezes ao próprio morador e esse, por sua vez, inicia a sublocação informal para garantir a renda e quitar o “financiamento” da unidade. Essa realidade associada a obras de infraestrutura urbana, na década de 60, como os viadutos que conectam a Radial Leste ao Elevado Costa e Silva, rasgaram a malha urbana, limitaram acessos, criaram barreiras e demolições, além de contribuir para o avanço no nível de degradação da região.

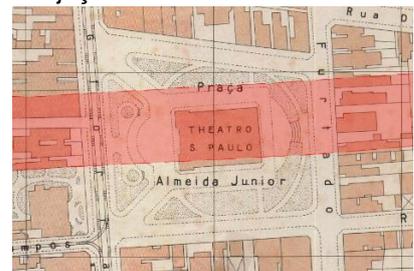
Casas em série – Glicério



Viaduto sobre as quadras



Projeção do viaduto sobre Teatro



Fontes: IGEPAC, 1987 | Autora sobre Mapa Digital da Cidade/2004 | Autora Mapa Sara Brasil/1930

⁹ A Lei do Inquilinato foi uma medida governamental que congela os preços dos alugueis, estipulados até então pelo mercado imobiliário.

Deste modo o Glicério ingressa nesse novo tempo imerso na fragilidade de um sistema social excludente. O lugar de todos torna-se aos poucos o lugar de ninguém. Habitações precárias, lotes vazios deram lugar ao lixo, imóveis subutilizados e encortiçados, descaso do poder público em áreas de assistência social, saúde, educação e infraestrutura. Toda essa realidade contribuiu significativamente para o aumento da violência, tráfico de drogas e todo tipo de exploração física e psicológica.

E por falar em encortiçamento, vale ressaltar que o Glicério, assim como outras regiões da capital paulista, vive um processo histórico de encortiçamento dos seus imóveis, principalmente os antigos sobrados que constituíram a arquitetura do início do século XIX. Para compreender parte desse processo, é importante consideramos aqui um pouco desse caminho, desde a sua origem até as diversas leis que tentavam, de certo modo, regular o que não podia ser regulado, considerando que essa forma de moradia, torna-se a identidade própria desse lugar.

Os cortiços são uma realidade na cidade de São Paulo desde a segunda metade do século XIX. Ainda nesse século se fez necessário uma sequência de leis e decretos para regular, tanto a localização quanto a construção de cortiços no município. Em 27 de março de 1886, foi publicada a Resolução nº 13, que prevê algumas orientações quanto a construção desses imóveis. Bonduki (2011), sintetiza algumas leis promulgadas do final do século que estabelecem condições para construção de cortiços na cidade de São Paulo.

Posturas semelhantes foram adotadas no município de São Paulo: em 1893, a lei 38 estabeleceu que toda e qualquer nova edificação dependia de planta aprovada e a lei 375, de 1898, determinava que cortiços infectos e insalubres não seriam permitidos e deveriam ser demolidos ou reconstruídos conforme padrão municipal. Esta intenção é reforçada, entre outras, pela lei 493, de 1900, que declarava “não serem permitidas as habitações em forma de cortiços, **nas casas que para tal fim não forem construídas**, nem os cortiços que não estiverem de acordo com o padrão” (BONDUKI, 2011, p. 38, grifo nosso).

O Código Sanitário de 1894 em seu artigo 104 prevê que, “todos os edifícios destinados a conter permanentemente grande número de habitantes deverão ser construídos fora da aglomeração urbana”. A Lei 498, de 14 de setembro de 1900, traz a primeira especificação do traçado do perímetro urbano e essa já considera a região do Glicério, quase em sua totalidade, dentro desse perímetro.

A primeira informação sobre o uso coletivo das unidades residenciais do Glicério data do início da segunda década do século XX, com a chegada de grande número de imigrantes na capital paulista. Em 1912, os japoneses já tinham a prática de habitar os porões e subdividir as casas com os compatriotas que chegavam a São Paulo (CULTURA JAPONESA, 2016).

Essa realidade é uma constante até os dias de hoje, caracterizando a região como um espaço de constante fluxo migratório. Nos últimos anos a precariedade das formas de habitar as casas, sobrados e galpões em situação de cortiço, tem se tornado cada vez mais visível, agravando os problemas de saúde, salubridade, zeladoria e diversos tipos de conflitos sociais.

Cortiços do Glicério



Acervo: Autora

Cortiços do Glicério



Acervo: Autora

Mas, o que caracteriza um imóvel encortiçado? O primeiro artigo da Lei Nº 10.928, de 08 de janeiro de 1991 – (Lei Moura), define cortiço como um imóvel que apresenta as seguintes características:

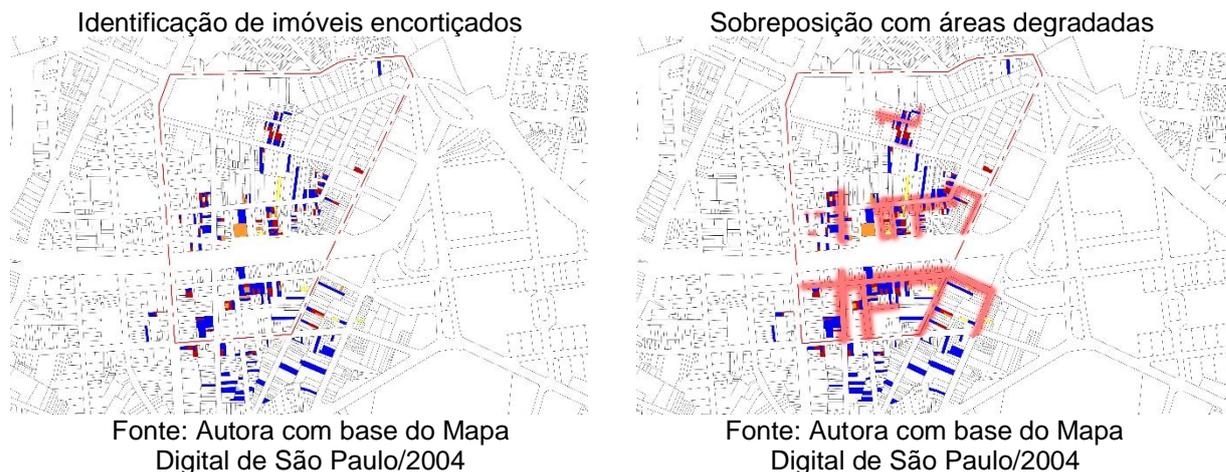
- a) constituída por uma ou mais edificações construídas em lote urbano; b) subdividida em vários cômodos alugados, subalugados ou cedidos a qualquer título; c) várias funções exercidas no mesmo cômodo; d) acesso e uso comum dos espaços não edificados e instalações sanitárias; e) circulação e infraestrutura, no geral precárias; f) superlotação de pessoas (LEI Nº 10.928, 1991).

Para a Secretaria Municipal De Habitação de São Paulo, a precariedade e o custo dos aluguéis tornam-se critérios importantes para a identificação desses imóveis.

Os cortiços são considerados assentamentos **precários** que se caracterizam como habitações coletivas **precárias** de **aluguel**, e que frequentemente apresentam instalações sanitárias compartilhadas entre vários cômodos, alta densidade de ocupação, circulação e infraestrutura **precárias**, acesso e uso comum dos espaços não

identificados e **altíssimos valores de aluguel** por m² edificado. As maiores concentrações de cortiços se dão nas regiões centrais da cidade. (PMSP, 2016, grifo nosso).

No entanto, essas definições permitem apenas a classificação dos imóveis nas estatísticas do município enquanto estruturas em si, mas não são suficientes quando considerado que a situação desses espaços encortiçados está além das estruturas físicas, sendo necessário um reconhecimento múltiplo para determinar políticas públicas que viabilizem melhorias para essas condições.



As imagens acima confirmam essa realidade quando nos faz ver que onde mais se concentra imóveis em situação de cortiço, mas se percebe o aumento no índice de degradação e insalubridade da área. Também é possível observar a proximidade das áreas com maior índice de degradação em relação ao eixo de passagem da Ligação Leste-Oeste (viadutos), comprovando que a via, desde a sua construção, modificou o espaço construído, promovendo um considerável desastre urbano para a região.

Nos altos edifícios e nos cortiços do Glicério encontram-se migrantes vindos de vários países, estes habitam cada espaço de suas habitações, contribuindo para uma das mais complexas densidades habitacionais da cidade. Dentro dos grupos de migrantes apresentados por Barros (2017, p. 71) - alemães, italianos, japoneses, latinos, africanos e haitianos - apenas os alemães não estabeleceram moradia na região estudada. A migração haitiana ganhou proporções desafiadoras a partir do início da segunda década do século XXI, quando um terremoto de dimensão catastrófica atingiu o Haiti. A destruição causada naquele país provocou uma saída em massa de seus habitantes em busca de sobrevivência para si e para seus familiares. Segundo as estatísticas apresentadas pela Missão Paz, o aumento no

atendimento à população haitiana chegou, em 2015, a corresponder a 56,2% de todo serviço oferecido na instituição. Se detalharmos os números nos deparamos com o seguinte quadro de atendimentos a haitianos: 28 atendidos em 2010; 3.895 em 2015 e 4.439 em 2016 (MISSÃO PAZ, Institucional, Estatísticas, [s.d.]¹⁰). A comunidade africana cresce em vários períodos da história, eles chegam nessas terras vindos de vários países do continente, buscando refugiar-se da guerra, da fome e da intolerância religiosa. Esses encontraram no Glicério uma possibilidade de inserção em terras brasileiras, tendo como suporte o auxílio oferecido pela Missão Paz.

Chegada dos migrantes haitianos na Missão Paz, após o terremoto de 12 de janeiro de 2010.



Acervo: Missão Paz

Entre tantos migrantes estrangeiros que se instalaram na região do Glicério, é importante considerar que a população brasileira ali presente é formada por migrantes internos, em grande parte, por famílias vindas de vários estados brasileiros e seus descendentes. Entre eles nordestinos (de quase todos os estados da região) e mineiros formam o maior grupo¹¹, esses buscavam na promissora cidade de São Paulo uma forma de fugir da fome, da seca e da falta de oportunidade no mercado de trabalho.

2.2. A Missão Paz: Instituição e Missão

Quando o Papa Francisco escreve a mensagem por ocasião do 104º Dia Mundial do Migrante e Refugiado¹², ele nos desafia a olhar para a realidade migratória

¹⁰ Disponível em: <<http://www.missaospaz.org/conteudo/presenca/estatisticas>>. Acesso em 19 de mar. 2021.

¹¹ As informações quanto as origens foram obtidas a partir de informações de grupos como: Equipes de pastorais da Igreja Nossa Senhora da Paz, Missão Paz, Grupos de bairro, Movimentos de moradia, entre outros.

¹² Mensagem do Papa Francisco por ocasião do 104º Dia mundial do Migrante e Refugiado, celebrado em 14 de janeiro de 2018, divulgado em 15 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20170815_world-migrants-day-2018.html>. Acesso em: 17 jan 2023.

no mundo a partir de quatro verbos: “acolher, proteger, promover e integrar os migrantes e refugiados”. Sua reflexão, fruto de uma angústia que o acompanha desde o início do pontificado, tornou-se referência para confirmar, ou organizar, toda missão realizada junto aos migrantes. Estes quatro verbos são importantes neste texto, por sintetizar, de forma plena, a Missão Paz, sua realidade enquanto instituição, sua missão, seus desafios e sua inserção na Igreja e no território do Glicério.

A Missão Paz é parte da missão realizada pelos Missionários de São Carlos - Scalabrinianos¹³, que recebeu de seu fundador, São João Batista Scalabrini, o carisma de ser sinal de Cristo entre as pessoas que foram obrigadas a sair de suas terras e servi-las com ternura e fraternidade. Tem como missão ser “uma instituição filantrópica de apoio e acolhimento a imigrantes e refugiados na cidade de São Paulo. (...), ela atua em favor do público migrante desde a terceira década do século XX” (MISSÃO PAZ, [s.d.]).

Desde 1939 está sediada no Glicério, tendo ali chegado para acompanhar e assistir os migrantes Italianos recém-chegados em terras brasileiras. Sendo a missão iniciada, os missionários, instalaram-se às margens do Rio Tamanduateí, já retificado, e deram início as obras da Igreja Nossa Senhora da Paz com a bênção da pedra fundamental, nos inícios de 1940. Com uma arquitetura moderna e inspirada no estilo neobasilical, traz em sua forma as marcas do processo de renovação que a Igreja vivia às vésperas do Concílio Vaticano II. Sob o projeto e orientação do arquiteto Leopoldo Pettini, os artistas Fulvio Pennacchi (pintor) e Galileo Emendabili (escultor), protagonizaram um dos mais belos acervos artísticos e culturais da cidade de São Paulo, fazendo da Igreja de Nossa Senhora da Paz, uma referência na arte moderna do Brasil.

Igreja Nossa Senhora da Paz



Acervo: Missão Paz



Acervo: Folha/UOL



Acervo: fulviopennacchioficial.com

¹³ Congregação religiosa fundada por São João Batista Scalabrini (1839-1905), em 28 de novembro de 1887, na cidade de Piacenza – Itália. Disponível em: <<https://www.scalabrinianos.com/quem-somos/nossa-historia/>>. Acesso em 17 jan 2023.

O conjunto arquitetônico construído acolhe à todas as pessoas que, ao longo da história, chegam à cidade de São Paulo e ao Glicério em busca de orientação e acolhimento. No entanto, seu significado para a população, migrante ou não, residente no bairro está além do atendimento específico. Sempre atuante nas causas que dizem respeito ao bem comum, a Missão Paz, tornou-se uma referência para a população menos favorecida, seja na assistência imediata, seja na formação que prepara para os desafios que a realidade impõe sobre os menos favorecidos. Durante uma pesquisa realizada em 2019, como parte da celebração do Sínodo Arquidiocesano¹⁴ de São Paulo, constatou-se que, “95% da população da região considera a Missão Paz, seus serviços e dependências, o lugar mais importante da região, uma porcentagem significativa quando considerado que apenas 60% da população se declara cristã católica.” (informação verbal)¹⁵.

A escolha da Missão Paz como instituição de referência para essa pesquisa dar-se pelo empenho com que desenvolvem a missão junto aos migrantes e moradores locais, que vai do acolhimento, passando pelo acompanhamento espiritual-pastoral, pela formação pessoal e laboral, até o cuidado com os processos jurídicos e de inserção e adaptação ao novo território. Uma ampla missão, que une muitas pessoas em vista de um bem: acolher, proteger, promover e integrar. A Missão Paz tem como objetivo:

Acolher os migrantes, imigrantes e refugiados, respeitando suas histórias e identidades, possibilitando integração e protagonismo em novos contextos sociais; promover políticas públicas e o acesso à direitos por meio do diálogo com as diferentes esferas nacionais e internacionais, baseados no carisma Scalabriniano. (MISSÃO PAZ, Missão, visão, valores, [s.d.])¹⁶

Para realizar a missão, nas dependências da Missão Paz, religiosos, colaboradores e voluntários, contribuem para tornar realidade a inspiração carismática de São João Batista Scalabrini, missão diária e constante que se desenvolve desde a acolhida fraterna e discreta à atenção específica em cada situação. As atividades são

¹⁴ Segundo o Código de Direito Canônico – CDC, um Sínodo (Arqui)diocesano é uma “assembleia de sacerdotes e fiéis da Igreja particular, escolhidos para auxiliar o Bispo diocesano para o bem de toda comunidade diocesana.” (CDC, cân 460). Pode-se dizer, também, que o Sínodo é um “caminho feito juntos”, momento de comunhão e participação, onde todos os fiéis batizados tornam-se corresponsáveis pela animação pastoral e evangelizadora da Igreja particular. (SANTOS, 2019).

¹⁵ Informação fornecida por telefone por José Carlos Pereira, membro da equipe de pesquisadores para o Sínodo, do núcleo da Missão Paz, em janeiro de 2020.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.missaospaz.org/conteudo/quem-somos/missao-visao-e-valores>>. Acesso em: 01 de fev. 2020.

organizadas e desenvolvidas a partir de cinco setores estruturados da seguinte forma¹⁷:



Casa do Migrante
Arte: Autora sobre base do Google Maps

Casa do Migrante: Dentro do complexo que envolve a Missão Paz, está a Casa do Migrante. Um lugar de acolhida com capacidade para 110 pessoas, que precisam de um primeiro repouso enquanto inicia a adaptação à nova cidade. Além de refeições e espaço para dormir, a Casa oferece apoio psicológico, assistência social e curso de língua portuguesa.



CPMM e CEM
Arte: Autora sobre base do Google Maps

Centro Pastoral e Mediação dos Migrantes: Acolhe, acompanha e oferece gratuitamente atendimento aos migrantes que chegam a Missão. Além da própria Casa do Migrante, o Centro realiza atendimento jurídico, auxilia na documentação, cursos de português e capacitação profissional, encaminhamento ao trabalho, cuidado com a saúde e assistência social.

Centro de Estudos Migratórios - CEM: Em atividade desde 1968, o CEM presente no Glicério faz parte da rede *Scalabrini International Migration Network (SIMN)*, presente em seis países e contribui no desenvolvimento de pesquisas e na produção de conhecimento a partir do tema da migração e refúgio. A biblioteca do CEM, acolhe inúmeros estudantes e pesquisadores que buscam um acervo especializado no tema da migração e orientando-os na pesquisa. O resultado desse empenho é possível ver a cada edição da Revista Travessia, na publicação de livros e artigos e na organização de eventos, palestras e diálogos a partir dos temas mais atuais que envolve a Migração e Refúgio. O CEM, a partir da *Advocacy*, contribui ativamente no debate sobre políticas migratórias, sendo protagonista na luta pelos direitos dos migrantes.

¹⁷ As informações abaixo são baseadas em visitas de campo e na página da web da Missão Paz, disponível em: <www.missaonspaz.org>. Acesso em 16 jan 2023.

Dentro dos **Eixos transversais**, a Missão Paz, em sintonia com a Rede Scalabriniana de Comunicação, oferece a toda comunidade de migrantes, ou não, a Web Rádio Migrantes, com programas e transmissões que envolve a comunidade e dar a conhecer notícias e lazer.



Igreja Nossa Senhora da Paz
Arte: Autora sobre base do Google Maps

Igreja Nossa Senhora da Paz: A igreja está locada no centro do complexo que compõe a Missão Paz. Um pouco de sua história e características arquitetônicas já foi apresentado acima. Aqui vale recordar sua contribuição pastoral e espaço de manifestação da fé e das devoções de cada grupo que aí encontram acolhida e apoio. No mesmo espaço-igreja, da

Missão, são organizadas paróquias e duas comunidades diferentes: Paróquia Nossa Senhora da Paz, fundada em 24 de março de 1940, atende a comunidade local, com celebrações e atividades pastorais em língua portuguesa; Paróquia Pessoal Italiana São Francisco de Assis e Santa Catarina de Sena, fundada em 08 de janeiro de 1956, para assistir os migrantes italianos residentes em São Paulo; Paróquia Pessoal dos fiéis Latino-Americanos, iniciada em 13 de junho de 1995, para atender a sempre crescente necessidade de uma assistência pastoral aos fiéis de língua espanhola; Comunidade Haitiana, teve seu início em 2013, com as celebrações das principais festas católicas e civis dos migrantes haitianos, hoje a comunidade se reúne mensalmente para celebrar a Eucaristia em língua francesa e de acordo com o que é próprio da cultura haitiana; Comunidade Filipina, iniciou suas atividades em 2017 com um grupo de mulheres Filipinas, que vieram a São Paulo para trabalhar nas casas de famílias abastardas, uma vez organizado, o grupo de se reúne mensalmente para celebrar em língua inglesa.



Igreja Nossa Senhora da Paz
Arte: Autora sobre base do Google Maps

Muito embora não esteja na relação das estruturas da Missão Paz, o **Pátio da Igreja**, é o lugar por excelência dessa pesquisa, ele se abre para as mais diversas manifestações religiosas e culturais dos grupos de migrantes que encontram na Missão e 'suas Igrejas', um lugar de encontro e fé. Um espaço multicolorido que

se define pelos dramas e festas que abraça. Sob a grande tenda, ou não, são celebradas quermesses, morenadas, procissões, danças, música, comidas típicas, brechós, expressões de fé e devoção.

Neste espaço filas são formadas, grupos são organizados, desembarques são realizados para o início de uma nova jornada. Neste espaço muitos migrantes encontram uma primeira possibilidade de reencontro com a fé e de reconstrução de um sentido para a vida que, marcadas pela ausência do lugar de origem, buscam novas significações, novo lar e novas perspectivas. Na solidariedade e na comunhão organizada com irmãos e irmãs da mesma nação, os migrantes encontram nesse espaço a possibilidade da casa, da casa comum, que dá sentido a alegria da festa. “Ali está a Igreja da Paz, lá podemos rezar, comer e bailar, lá estamos em casa” (Informação verbal)¹⁸, a afirmação uma jovem boliviana ao apresentar a Missão a um conterrâneo que acabara de chegar em terras brasileiras, resume o que, de fato, significa cada reentrância desse complexo que mistura fé e vida, na grande ciranda da fraternidade.

Festas no Pátio da Igreja



Acervo: Missão Paz

¹⁸ Informação fornecida por telefone por José Carlos Pereira, membro da equipe de pesquisadores para o Sínodo, do núcleo da Missão Paz, em janeiro de 2020.

A relação da Missão Paz com a comunidade, migrante ou não, se fundamenta em uma experiência de vizinhança sempre disposta a acolher. Ela está lá para consolidar uma região que desde o início do século XX vive uma intensa experiência de acolhimento a muitos grupos de migrantes. A presença da Missão Paz no Glicério assegura uma identidade própria para a região, tornando-se referência para todas as pessoas que buscam viver a religião do jeito próprio de cada cultura.

A ação da Missão Paz no atendimento aos migrantes e refugiados na capital Paulista, de certo modo, é uma resposta a uma necessidade, por tantas vezes esquecida, da Igreja de compreender os desafios que processo migratório impõe. A constante suplica do Papa Francisco, por um mundo mais sensível e responsável com os dolorosos processos de deslocamentos, vem ao encontro do que foi a prece e o despertar provocado pela Campanha da Fraternidade¹⁹ no ano de 1980. Durante a Campanha a Igreja do Brasil intensificou a reflexão sobre a migração ao dedicar-se ao estudo a partir do tema: Fraternidade no mundo das Migrações: Exigência da Eucaristia, e do lema: “Para onde vais”. A Campanha tinha como objetivo geral, “suscitar, articular e dinamizar a organização coletiva dos migrantes à luz da evangelização inculturada que possibilite a serem protagonistas da história na construção de uma sociedade justa e solidária...” (SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES - SPM, [s.d.]²⁰). Como resultado da reflexão provocada pela Campanha, em 1985 inicia-se na Igreja do Brasil o Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), que “tem como missão construir processos organizativos, defender os direitos humanos, econômicos, sociais, culturais, religiosos e ambientais, sendo presença profética no enfrentamento da (i)migração forçada” (SPM, [s.d.]). Hoje o SPM atua em parceria com diversas instituições, associações e grupos organizados que colaboram no cuidado e na inserção da pessoa migrante nas mais diversas realidades e nos mais variados recantos do Brasil.

Como já dito acima, a Missão Paz nunca limitou sua ação a grupos específicos de migrantes, esteve sempre aberta a acolher a variedade de culturas que a ela se

¹⁹ Iniciada em 1962, A Campanha da Fraternidade - CF, é uma iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. Promovida anualmente durante a Quaresma. A CF tornou-se “*uma expressão de caridade e da solidariedade em favor da dignidade da pessoa humana, dos filhos e filhas de Deus.*” (CNBB, 2021) A cada cinco anos a CF é realizada em comunhão com o Conselho Nacional das Igrejas Cristãs – CONIC, sempre no empenho de unir forças em prol da vida e da promoção de gestos concretos de partilha, conversão e cuidado.

²⁰ Disponível em: <<https://spmigrantes.wordpress.com/quem-somos/>>. Acesso em: 10 de ago. 2020.

apresentou no rosto de cada acolhido e acolhida ao longo dos anos. Seguindo a proposta desse primeiro capítulo, de fazer conhecer, de forma pontual, a realidade migratória e como ela se revela nas atividades da Missão Paz, seguiremos estreitando o nosso recorte de pesquisa a partir de dois grupos específicos de migrantes e a principal festa de cada um. Não é nosso objetivo dissertar sobre as minúcias de cada uma delas, mas apontar elementos que contribuirão para compreender a experiência vivida pelo grupo a ser apresentado nos capítulos que seguirão.

2.3. Migrantes Mexicanos e o ‘*Día de Muertos*’

Pouco se fala sobre a migração de mexicanos para o Brasil, ao contrário, muito se diz sobre a saga desse país em controlar a passagem de inúmero migrantes sobre seu território rumo ao Estados Unidos da América – EUA, além da sua própria migração para o país. De fato, quando pesquisamos sobre o tema, quase todo material encontrado refere-se ao México como lugar de passagem e conflito, principalmente na região da fronteira.

No entanto, o Observatório das Migrações em São Paulo, nos apresenta alguns números que nos ajudam a entender a dinâmica migratória dos mexicanos em relação ao território brasileiro. Até março de 2022, o Observatório registrou, a partir das informações concedidas pela Polícia Federal, que solicitaram o Registro Nacional de Migrantes – RNM, no Brasil, aproximadamente 22.656 mexicanos, desses, 10.340 permaneceram no estado de São Paulo e, apenas a metade desse número, fixou moradia na capital Paulista, cerca de 5.929 pessoas. Entre janeiro de 2019 e março de 2022, apenas 621 pessoas solicitam o RNM junto a Polícia Federal, sendo mais da metade desse número (378) no ano de 2019, antes da pandemia de Covid-19.

As causas da migração mexicana no Brasil, se resume quase que a questões profissionais, não encontramos nenhum registro que confirme essa informação, soubemos a partir das entrevistas com mexicanos a ser apresentada mais adiante e em conversas não registradas por pessoas que estão envolvidas diretamente na Missão Paz. As pessoas entrevistadas narram, inclusive, que o atendimento nos consulados mexicanos é igualmente difícil, considerando que suas atividades se resumem a atender solicitações de visto para turistas brasileiros e a estreitar os laços entre México e Brasil tendo em vista, o comércio, a indústria e o turismo, de fato, esses são os únicos temas tratado no site da embaixada do México no Brasil e no seu boletim de notícias. A presença dos mexicanos no Brasil, está associada ao trabalho

junto as empresas multinacionais, aos restaurantes de comida típica e uma pequeníssima parcela aos religiosos e religiosas em missão, além de alguns estudantes em intercâmbio.

Mesmo diante da ausência de informações sobre o processo migratório que envolve o Brasil e o México, optamos por escolher a celebração do *Día de Muertos* como uma das festas a ser compreendida, a partir dos relatos de migrantes, nesta pesquisa. Foram as particularidades dessa festa que sustentaram essa escolha, sua relação com o território, que está além das igrejas, penetrando nas casas, ruas e cemitérios; a dimensão da ancestralidade que permeia os ritos e os costumes; o nacionalismo muito próprio que envolve toda a cultura do *Día de Muertos*, muito embora essa festa não seja exclusiva do México, sendo muito celebrada, também, na Bolívia. Outro elemento fundamental para essa escolha dar-se pela contradição encontrada entre a forma de celebrar essa festa no Brasil (Dia de Finados) e no México (*Día de Muertos*), quando duas culturas se encontram, no mesmo dia, para celebrar a morte como dor e tristeza na mesma medida da alegria e da festa.

Celebrar o *Día de Muertos* com festa, comida, bebida e muita cor, parece estranho aos nossos olhos, considerando que, segundo os nossos costumes, a recordação dos mortos é sempre um momento de dor e saudade. Pois bem, para o festivo povo mexicano a celebração do *Día de Muertos*, não deixa de significar um dia de saudade, mas é, principalmente, um dia de encontro festivo com aqueles que já partiram, encontro que se dá na recordação, a partir dos inúmeros símbolos próprios dessa festa, mas também se dá na certeza da comunhão entre os vivos e os mortos, como manifestação de uma vida continuada entre as gerações, sob a proteção dos ancestrais.

Sepulturas e altar – Cidade do México



Fotos: Cláudia Campos Rúbio

A grandiosidade das festividades entorno ao '*Día de Muertos*', seu valor artístico, religioso e cultural resultou no reconhecimento, em 2003, dessa festa como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, por parte da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)²¹. De origem pré-hispânica, a festa do '*Día de Muertos*', rompeu os limites do tempo e permitiu ao povo mexicano, tanto urbano quanto rural, a manutenção de uma tradição que sobrepõe as festas religiosas mais tradicionais (LUJÁN, 2006, p. 30).

Lemos (2009), ao escrever sobre as marcas identitárias da festa do '*Día de Muertos*' e sua resistência cultural, apresenta o quanto a festa significa na formação da identidade do povo mexicano, assim como caracteriza seu sentido de pertencimento a um determinado grupo social. Para ela, as variadas manifestações socioculturais, como também, religiosas, realizadas no período da festa, transmitidas oralmente de geração em geração e em seguida apresentada em inúmeras pesquisas e registros bibliográficos, são responsáveis pela manutenção dos laços que unifica e fortalece as relações entre os grupos, assim como perpetua as tradições na medida em que cada grupo sente-se responsável por continuar os costumes de seus ancestrais, na espera do retorno e das bênçãos do antepassados entre os familiares vivos: "Durante aqueles dias de festas, mortos e vivos rompem as barreiras da alteridade e do antropocentrismo, e se confraternizam". (LE MOS, 2009, p. 114).

Diante do que significa essa festa, um único dia não é suficiente para o mexicano recordar seus mortos, tanto os preparativos quanto a celebração se dão ao longo de dias, é preciso uma ordem para celebrar, e os familiares falecidos tem hora e dia para visitar os seus que ainda estão vivos. Isabel Attias (2006), descreve a ordem de cada dia de acordo com a tradição do povo da cidade de Candelária – México, o que não difere de outros lugares, segundo a bibliografia consultada e a escuta de alguns migrantes mexicanos:

No dia 1 de novembro se celebra na Candelária a festa 'de los difuntitos' (não há em português uma possibilidade de traduzir essa expressão, que se refere ao diminutivo de defuntos, por se tratar de crianças falecidas) dedicada às crianças falecidas, aquelas que morreram batizadas vão diretamente para o céu, onde passam a ser pequenos anjos. O dia seguinte é dedicado aos mortos grandes (pessoas que faleceram quando adultas). Se diz que os pequenos falecidos chegam junto às pessoas em 31 de outubro as oito da noite

²¹ Informação disponível em: <<https://ich.unesco.org/es/RL/las-fiestas-indgenas-dedicadas-a-los-muertos-00054>>. Acesso em: 12 de jan. 2022.

e vão embora no dia seguinte as seis da tarde. Duas horas depois chegam os falecidos adultos, que partem as seis da tarde do dia dois de novembro. (ATTIAS, 2006, p. 171, tradução nossa)²²

Quanto ao lugar, muito embora a festa seja celebrada, também, nos espaços públicos (cemitérios e vias) e nos espaços eclesiais (Igrejas Cristãs – Celebração do Dia de Finados), é na casa de cada família que a celebração ganha forma e significado. A preparação do altar e a oferenda apresentada tornou-se um rito familiar (AZEVEDO, 2013, p. 8), que reza, recorda, canta e chora, na medida que cada símbolo é preparado e cada gesto é atribuído àquele (ou àqueles) ao qual o altar é erguido. Os detalhes, tamanho, objetos, comida e bebida postos sobre o altar são organizados de acordo com a família, porém há uma sequência que deve ser seguida, segundo os costumes locais:

A realização do altar varia dependendo da região, porém um dos mais realizados é o de sete andares que representam cada um dos níveis que a alma de um defunto tem que passar para poder descansar. Em cada andar são distribuídos os alimentos oferecidos, tudo enfeitado com papéis coloridos e flores; também se perfuma o local com a queima de copal e incenso. (AZEVEDO, 2013, p. 8)

Visitar os símbolos e significados, usados no período da festa nos ajudam a compreender a relação do povo mexicano com a morte de seus ancestrais. Tanto os objetos que formam o altar, como aqueles que se estendem até o cemitério, seguido sempre dos ritos que os acompanham, diz algo sobre a família e narra a história do falecido. Azevedo (2013), continua a descrever o altar apresentando os elementos essenciais que o compõe:

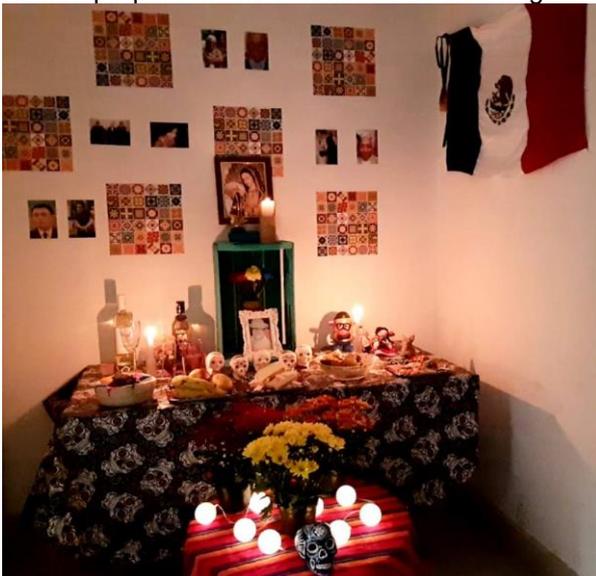
[...] a fotografia do defunto, para que as pessoas que visitam o altar possam saber a quem está sendo dedicada a oferenda; a **água**, símbolo de vida e pureza da alma, é oferecida para que o defunto mate a sede depois de uma longa viagem; o sal simboliza a purificação, serve para limpar o ambiente e para que as almas possam retornar integras no ano seguinte; as **velas**, símbolo de luz, servem para iluminar o caminho das almas, são uma guia para que elas não se percam no caminho, em alguns altares cada vela representa um defunto; **o copal e o incenso** servem para perfumar o ambiente e limpá-lo de maus espíritos que poderiam impedir a chegada do ser

²² El día 1 de noviembre se celebra en la Candelaria la fiesta de los difuntitos dedicada a los muertos niños, que si mueren bautizados van directamente al cielo, en donde se convierten en “angelitos”. El día siguiente se dedica a los muertos grandes (personas fallecidas adultas). Se dice que los difuntitos llegan al pueblo el 31 de octubre a las ocho de la noche. Se van al día siguiente a las seis de la tarde. Dos horas Después llegan los muertos adultos, quienes parten a las seis de la tarde del día 2 de noviembre.

querido; as flores de cempasúchil e o papel picado representam a alegria da festa e deixam a alma feliz; o **pão de morto** é elaborado especialmente para esse dia, é uma oferenda fraternal que nunca falta nos altares; as caveiras de açúcar e chocolate junto com as catrinas representam a morte de forma divertida e colorida e também não podem faltar na celebração (AZEVEDO, 2013, p. 8 – 9. Grifo nosso).

Os elementos das oferendas postas sobre ao altar grifados na citação acima, indicam os quatro elementos da natureza (terra, fogo, ar e água), sejam eles naturais (fogo/vela e água), ou o fruto da terra (pão), ou ainda o ar, no que ele simboliza (copal e incenso). Esses elementos, segundo Lemos (2009, p. 116), compõem tudo o que é criado e simbolizam a vida e a morte, unindo as duas realidades da própria existência. A Flor de *Cempasúchil*²³, também conhecida no México como a Flor dos Mortos, traz uma característica importante nos rituais do *Día de Muertos*. Além de servir como elemento de ornamentação dos altares e das sepulturas, a flor que traz a marca de um odor intenso, é usada para formar o percurso entre a casa e o lugar da sepultura. Segundo o rito, o seu forte cheiro orienta o falecido até a casa de sua família, lá ele poderá desfrutar das iguarias oferecidas nos altares e permanecer entre os seus familiares (LEMOS, 2009, p. 116).

Altars preparados na residência de uma migrante mexicana no Brasil



Fotos: Cláudia Campos Rúbio

²³ Segundo o Instituto de Ecologia do México (INECOL), a Cempasúchil é uma das 55 espécies do gênero *Tagetes*. Caracterizada por sua intensa coloração amarela e de forte odor, seja em suas flores como nas folhas, é nativa do América Central, com predominância no Sul dos Estados Unidos e México. Muito utilizada nos rituais fúnebres e nas festividades do 'Día de Muertos', bem como na medicina natural para o cuidado em várias enfermidades. Informação disponível em: <<https://www.inecol.mx/inecol/index.php/es/ct-menu-item-25/planta-del-mes/37-planta-del-mes/1211-cempasuchil>> Acesso em: 13 de jan. 2022.



La Catrina
Arte: Evangelina Portillo

Entre os elementos culturais mais conhecidos da festa, encontramos *'La Catrina'*, um esqueleto de traços femininos e ornado de elegância e sutileza próprios de uma nobre mulher. Sua personagem alimenta a imaginação de turistas e curiosos que tentam se aproximar da cultura mexicana, afinal, quem vai ao México e não retorna com uma pequena caveira usando chapéu em sua bolsa? *'La Catrina'*, além da forte conotação turística e folclórica, traz em si uma característica fundamental para compreender a dimensão da morte celebrada na festa do *Día de Muertos*, o chapéu que usa. Segundo Azevedo (2013, p. 9), o chapéu indica que diante da morte não há distinção de pessoas, sob suas abas todos são iguais, homens, mulheres, crianças, jovens e adultos, ricos e pobres ... *'La Catrina'* é a imagem de uma condição que se apresenta igualmente a todas as pessoas e a conduz para um único lugar.

2.4. Migrantes Peruanos e *'La festividade em honor al Señor de los Milagros'*

A migração peruana ao Brasil constrói um capítulo a parte da nossa história e da história do povo peruano. Segundo Camila Daniel (2013, p. 32-33), o “sonho peruano” consiste na possibilidade de migrar, ou seja, buscar novas perspectivas de vida em outro país é uma característica quase que cultural para o povo peruano. Desde a migração interna até chegar em outros países, o desejo de sair se constrói nos núcleos familiares e na sociedade como um todo. Ainda segundo a autora, a perspectiva do peruano sempre foi chegar ao Estados Unidos da América, muito embora, para chegar até lá, outros países latino-americanos tornaram-se lugares de travessia até à pátria sonhada.

Desde meados do século XX, o Brasil recebe migrantes peruanos, mesmo que ainda timidamente, se comparado a situação atual, mesmo não sendo a principal referência do número de migrantes cresceu significativamente desde o início do novo milênio.

No Brasil, os peruanos chamaram a atenção quando, na anistia de 2009, ocuparam o terceiro lugar entre as nacionalidades que mais obtiveram a legalização, atrás dos bolivianos e chineses. Além disso, a imigração peruana tem apresentado um significativo aumento nas

últimas décadas. Segundo dados do censo do IBGE, os peruanos residentes no Brasil eram 2.500 em 1960; 5.831 em 1990, alcançando o número de 10.814 no ano de 2000. (DANIEL, 2013, p. 34).

Os dados mais atuais, apresentados pelo Observatório das Migrações em São Paulo, mostra que em pouco mais de vinte anos, esse número quase que triplicou chegando a 49.412 em todo país até março de 2022, mantendo-se na sexta posição entre os migrantes latino-americanos no Brasil. São Paulo concentra pouco mais de da metade desse número, acolhendo em todo estado aproximadamente 25.106 migrantes peruanos. Desses, 17.957. estão na cidade de São Paulo, correspondendo a 72% do total do estado e 36,5% dos residentes em todo país.

Os motivos que trazem os peruanos ao Brasil são diversos, embora o “sonho de migrar”, seja uma realidade entre os habitantes do país, todos eles trazem na bagagem perspectivas de dias melhores para si e para os seus. Os intercâmbios estudantes em nível de graduação e pós-graduação, associa-se à busca de qualificação profissional. O trabalho doméstico é uma realidade, como veremos entre as migrantes entrevistadas para essa pesquisa, todavia o maior número de peruanos concentra-se nas oficinas de costura da região do Brás e Mooca, assim como, no comércio ambulante nas ruas de São Paulo. Entre os comerciantes destacam-se os artesãos e artesãs que comercializam suas artes nas calçadas da Praça da Republica e da Av. Paulista (DANIEL, 2013, p. 36).

Dotados de expressões religiosas marcadas pela dança, as cores, as músicas e as muitas comidas típicas, os migrantes peruanos encontram na fé e na devoção popular uma possibilidade de significar a vida em território estrangeiro. Parise (2021, p.185), ao elencar as principais festas celebradas pelos migrantes latino-americanos junto ao Pátio da Missão Paz, diz que que entre as festas mais populares do povo peruano destacam-se: “Señor de los Milagros (28/12), San Lorenzo (10/8) e San Martin de Porres (3/11).” Entre essas, essa pesquisa dedica atenção *La festividade em honor al Señor de los Milagros, sua escolha dar-se pela importância desta festa para todo povo peruano*. Sua realização e celebração envolve não só a população cristã-católica que vive no Peru, ela abraça toda a cidade de Lima e demais localidades que a celebram. A cidade acolhe a festa que se desenvolve numa liturgia lenta e solene, que une uma multidão de pessoas pelas ruas da cidade em volta do quadro do *Señor de los Milagros*.

Celebrada durante o mês de outubro, *La festividade em honor al Señor de los Milagros*, é a festa religiosa cristã mais popular do Peru e uma das maiores da América Latina, segundo o website: Estrangeiros no Brasil²⁴. Muito embora seu formato assuma proporções gigantescas na cidade de Lima – Peru, assim como nas cidades do interior do país, são poucas as informações encontradas sobre a mesma. Diferente do *Día de Muertos*, com sua vasta rede de pesquisadores, ‘*La festividade*’ peruana é retratada quase que unicamente em sites de turismo e da igreja local.

Quadro de Cristo Negro – *Señor de los Milagros* e as *Sahumadoras* - defumadoras



Fotos: miraflores.gob.pe/

Foi a partir de uma imagem de Cristo, negro e crucificado, pintado sobre uma parede de uma antiga cabana em meados do séc. XVII, que se deu início à devoção e aos festejos em honra ao *Señor de los Milagros*. Segundo a tradição, foi um escravo, de origem africana, que pintou a parede da cabana no bairro de *Pachacamilla*, na região de Lima. Conta-se que a cabana estava localizada numa região de risco geológico, próximo a um córrego que a colocava sempre sob ameaça de desmoronamento. Apesar dos inúmeros danos causados à cabana, um grande terremoto em 1746 e as tentativas de apagá-la, a imagem sempre permaneceu intacta, aumentando a cada dia o número de pessoas que a procuravam para pedir curas e milagres para si e para os seus²⁵.

A festa segue um ritmo que lhe é próprio, e se dá ao longo do mês de outubro, o *Mês Morado* (Mês Roxo), como é conhecido entre o povo peruano. O nome dar-se devido a tradição das vestimentas e decorações com tonalidade roxa que se espalha por toda a região. Entre aqueles que se dispõe a carregar o nicho do *Señor de los*

²⁴ Informação disponível em: <<http://www.estrangerosbrasil.com.br/festa-do-senhor-dos-milagres-da-comunidade-peruana-em-sp-ate-30102016/>> Acesso em: 13 de jan 2022.

²⁵ Informações disponíveis em: <<http://www.estrangerosbrasil.com.br/festa-do-senhor-dos-milagres-da-comunidade-peruana-em-sp-ate-30102016/>> e <<https://www.amautaspanish.com/portuguese/destinos/aprenda-espanhol-no-peru/peru-visao/festas/o-senhor-dos-milagres-156.html>> Acesso em: 13 de jan 2022

Milagros (com aproximadamente 2 toneladas) e as defumadoras, mulheres que tem a missão de incensar o percurso por onde a imagem passará, é comum o uso de uma túnica roxa e véu branco para as mulheres. Como já dito, a dinâmica da festividade se desenvolve ao longo mês: No primeiro sábado de outubro:

Abrem-se as portas do Mosteiro das Nazarenas. Um arrepio profundo percorre a Avenida Tacna, no centro histórico de Lima. O fumo de centenas de incensários turva a vista, o ambiente arde em fé de carvão em brasa. Uma fanfarra - trombones, trompetas, tambores, pratos - modula o ambiente. A capital do Peru suspende a respiração, olhos postos na entrada do enorme templo de onde sai cadenciado, aos ombros de homens vestidos de roxo, o andor com a pintura de um Cristo negro.

Mulheres desatam em pranto, milhares batem palmas, estendem as mãos, atiram flores. “Señor de los Milagros, aquí venimos en procesión” - vozes ásperas de velhas senhoras de véus brancos e rendilhados, em cântico antigo. Voam tiras de papel, brancas e roxas, pelo céu da velha Cidade dos Reis. É Outubro em Lima. O Senhor dos Milagres está nas ruas. (CARDOSO, 2015)²⁶

Ao *Senõr de los Milagros*, ninguém vira as costas, aqueles que por necessidade estão à frente do andor, andam para ele voltados, de costas, em passos lentos e ritmados, ao som dos instrumentos e de músicas devocionais. O ritmo de seus devotos marca a maior procissão das Américas. São 24h de muita prece, incenso, música e gritos de gratidão e súplica, misturado com manifestações de dança e alegria, regado com comidas e bebidas típicas, além dos encontros, só registrados durante o *Mês Morado*. Depois de quase um mês percorrendo as ruas de Lima, entre pausas e caminhadas, o andor retorna, no último domingo do mês, para o Santuário das Nazarenas e em seguida para o Mosteiro das Nazarenas, onde permanecerá até o próximo outubro, até o próximo encontro do Senhor dos Milagres com o povo peruano.

Festa al Señor de los Milagros – Lima – Peru



Foto: listindiario.com/

Pátio da Missão Paz – São Paulo – Brasil



Foto: migramundo.com

²⁶ Disponível em: <<https://www.buala.org/pt/a-ler/senhor-dos-milagres-escravo-de-angola-cristo-do-mundo>> Acesso em: 13 de jan. 2022.

As festividades do *Señor de los Milagros*, ultrapassa os limites geográficos do Peru, onde há comunidade de migrantes peruanos, ali está o Senhor dos Milagres. Parise (2021), nos apresenta uma informação importante quanto a organização da comunidade peruana em São Paulo e principalmente a adaptação a uma nova realidade pastoral:

Com o passar do tempo, por várias razões, estruturaram-se dois grupos na cidade: a Hermandad del Señor de los Milagros, com sede na Igreja da Consolação e, seguindo os estatutos do Peru, um grupo de peruanos e peruanas com base na Igreja Nossa Senhora da Paz. Enquanto os membros do primeiro grupo realizam a procissão apenas com homens carregando o andor, o segundo apresenta um traço interessante, que mostra como a festa é recriada fora do contexto original: as mulheres também o carregam. (PARISE, 2021, p. 2021)

Com uma réplica do andor, velas, flores e os mantos roxos, as comunidades peruanas recordam e celebram a festa onde quer que estejam. Celebrá-la é manter firme uma fé que os acompanham desde sempre, mesmo em meio as adversidades, tornando-se uma oportunidade de encontro entre aqueles que celebram a fé e a esperança de reviver as tradições que marcam a história de seu povo. Entre os ritos e preces, encontramos também a comida, a bebida, a música e a dança, que animam o encontro. Nas ruas de São Paulo, capital, caminham a passos lentos os compatriotas que conduzem o andor no meio dos carros e da agitação de uma grande metrópole. Quanto aos migrantes peruanos residentes em São Paulo/SP e *'La festividade em honor al Señor de los Milagros'*, ainda teremos a oportunidade de encontrar no decorrer dessa pesquisa.

Neste primeiro capítulo concentramos a atenção em conhecer um pouco da dinâmica migratória que envolve o Brasil e o mundo, além dos conceitos que estão em volta do tema. Dirigimos o olhar para o Glicério, com todos os seus desafios e como a Missão Paz é sinal de presença transformadora na região e, principalmente, entre os muitos grupos de migrantes que o habitam. Quando nos aproximamos dos dois grupos de migrantes, aos quais dedicamos maior tempo, mexicanos e peruanos, e buscamos compreender suas principais festas, tínhamos como objetivo preparar o leitor para o terceiro capítulo desta pesquisa e os relatos que este trará. No entanto, para compreendermos os recortes que serão realizados, consideramos oportuno identificar alguns conceitos fundamentais que serão desenvolvidos no capítulo que segue a partir dos autores estudados para fundamentar esta pesquisa.

3. DEBATES TEÓRICOS: Compreendendo conceitos

O tema da migração abre caminhos para diversos campos de entendimento, sejam esses teóricos ou práticos. Das disciplinas onde se desenvolvem políticas públicas até as longas teorias sobre as causas e os impactos da migração, é possível identificar uma busca de conceituar a realidade migratória a partir de dados que expõe a situação social, política, econômica e religiosa de cada lugar, sendo esses os principais fatores que provocam as inúmeras formas de deslocamentos humanos e os que são mais impactados nos territórios de chegada das pessoas que migram.

Sem deixar de considerar esses fatores, nossa proposta nessa pesquisa, é limitar esse campo de entendimento à compreensão dos processos de desconstrução e construção do sentido e das crises que se desencadeiam nas rupturas provocadas pelas travessias forçadas ou espontâneas, muitas delas provocadas pela ausência do lugar, das pessoas que dão significado as relações sociais e das manifestações culturais que identificam o lugar e o grupo social que nele habita.

A imigração não ocorre sem deixar marcas, frequentemente de maneira indelével, mesmo sem reconhecê-lo, seja por nos atermos à ilusão da integridade formal e da fidelidade a si, seja por não sermos nem mesmo conscientes disto”. (SAYAD, 2000, p. 14)

As referências bibliográficas, a partir das quais orientamos esse capítulo, auxiliam, na medida que identificam os conceitos desenvolvidos pelos autores, no objetivo de encontrar, ou não, respostas para a relação entre o migrante, a fé e o lugar, seja o de origem ou do destino final, apresentando elementos que constituem a noção de sentido e as características fundamentais no processo de formação da identidade de cada pessoa e da comunidade de vida.

Fundamentalmente seguimos com a leitura das obras de Peter Berger²⁷ (1985; 2012; 2014; 2018), sendo duas delas em coautoria com Thomas Luckmann (2012;

²⁷ Peter Berger, nasceu em Viena no dia 17 de março de 1929. Migrou para os Estados Unidos ao final da segunda guerra mundial, depois de passar um período de formação na Inglaterra. Como sociólogo dedicou-se ao estudo da religião e de temas importantes da atualidade como: Modernidade, pluralismo, crise de sentido, religião e sociedade, entre outros. Dizia ser “incuravelmente luterano”, mas ao se apresentar não se incluía em nenhuma religião ou filiação religiosa. Dedicou-se à docência e a pesquisa junto a Universidade de Boston, onde em 1985 fundou o Instituto para a Cultura, Religião e Assuntos Mundiais. Morreu nos EUA, em 27 de junho de 2017. (Fonte: Instituto Humanitas – Unisinos. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/569380>> e <<https://www.ihu.unisinos.br/569225-falecimento-peter-berger-importante-sociologo-da-religiao>> Acesso em: 06 mar. 2022).

2014). A escolha dar-se por sua clareza na construção do pensamento sobre os processos de construção do sentido e como as estruturas de plausibilidade contribuem no processo de significação do mesmo, seja esse, como consequência de uma época, de um lugar ou de um modo de vida, como também, da relação com os espaços de culto e das comunidades de vida. Buscaremos orientar o texto que segue, intercalando o pensamento dos autores citados acima, considerando o tema da migração, a partir das informações apresentadas no primeiro capítulo.

3.1. As Estruturas de Plausibilidade e sua relação com o lugar

Quando falamos sobre a possibilidade de habitar algo ou um lugar, de certo modo, o nosso imaginário remete-nos a espaços que abrigam e protegem. Sob essas estruturas (abrigo e proteção) se molda um estilo de vida que constitui a própria identidade, seja da pessoa ou do grupo que o habita. Todo ser, e aqui referimo-nos a pessoa enquanto um ser subjetivo, se forma a partir do lugar que habita e que o habita enquanto relações e cultura. Deste modo, ao falarmos sobre Estruturas de Plausibilidade, e essas em relação ao lugar e à pessoa, queremos falar sobre algo que está além, mas também, sob um espaço físico que forma a consciência e personifica o que está submetido a ele. Quando Peter Berger (1985) conceitua essas Estruturas, ele nos remete a formação de uma consciência social, formada nas relações que coabitam os mesmos espaços e sentidos, e essas fundadas numa tradição cultural que norteia o indivíduo nas etapas da própria existência.

O arquiteto e filósofo Igor Guatelli, em suas rodas de conversa com estudantes de arquitetura, costumava dizer que os “rastros” que identificam um lugar são formados, em grande parte, por “aquilo que não mais ainda está lá”²⁸. Sua fala referia-se sempre àquilo que continuava a formar identidade a partir da memória que se mantinha mesmo na ausência do objeto construído. Esse pensamento de Guatelli, ajuda-nos a compreender o que Berger (1985) caracteriza como Estrutura de Plausibilidade, ou seja, uma base social subjetiva e necessária para que o indivíduo continue sua existência, mesmo se ausente enquanto estrutura física, num mundo real para seres humanos reais:

[...] os mundos são construídos socialmente e mantidos socialmente. Sua realidade perdurável, quer objetiva (como facticidade comum, aceita como óbvia) quer subjetiva (como facticidade impondo-se à

²⁸ Uma das vezes que o Prof. Dr. Igor Guatelli usa essa expressão pode ser encontrada no vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=38GTizGy-jw>> Acesso em 19 jan 2023.

consciência individual), depende de processos sociais específicos, a saber, aqueles processos que permanentemente reconstróem e mantém os mundos particulares em apreço (BERGER, 1985, p. 71).

Esses “mundos” são o resultado da adesão da pessoa a um determinado espaço que o vincula a um grupo social e da forma que o grupo aceita e acolhe a pessoa que o compõe. Esse pode não ser o lugar originário, ou o espaço materno, mas dever ser constituído por vínculos que abrigam, protegem e despertam o sentido de segurança, “Quanto mais firme a estrutura de plausibilidade, mais firme o mundo ‘baseado’ nela” (BERGER, 1985, p. 73). As Estruturas que tornam plausível o próprio sentido da existência, podem ser construídas e reconstruídas todas as vezes que existirem rupturas necessárias, desde que o processo de inserção o localize dentro do espaço-tempo ao qual o grupo está submetido e que se tenha uma identificação com ambiente natural do mesmo, seja no que diz respeito aos aspectos culturais, sociais e/ou religiosos:

Assim, toda concepção do mundo, qualquer que seja seu caráter ou conteúdo, pode ser analisada em termos de sua estrutura de plausibilidade, porque é só quando o indivíduo permanece nesta estrutura que a concepção do mundo em questão permanecerá plausível a ele. A força desta plausibilidade, indo de certezas inquestionáveis através de firmes probabilidades a meras opiniões, dependerá diretamente da força da estrutura que a sustenta (BERGER, 2018, p. 66).

Dentro da dinâmica que forma as Estruturas de Plausibilidade, se organizam os elementos que identificam cada grupo ou pessoa, como que impressões digitais, únicas e permanentes, embora adaptáveis, que vão definindo um modo de vida, formando características específicas que vão perdurar além do espaço-tempo determinado pelos traços culturais de cada povo. Antropologicamente falando, são nas relações sociais, compreendam aqui núcleos familiares e comunitários, se organizam o pensamento, o desenvolvimento da língua, a definição dos costumes, a empatia, a ética, a moral e as crenças, constituindo assim núcleos de convivência, que se sustentam diante de uma mesma perspectiva de vida. Vale sempre recordar que quando falamos sobre Estruturas que identificam um grupo, não nos referimos a uma uniformidade de pensamento, ao contrário, referimo-nos a formação de uma identidade que permite a diversidade física e subjetiva de cada ser formada a partir de uma estrutura comum. Fundamentalmente, as Estruturas de Plausibilidade, articulam os costumes próprios de cada grupo e a consciência de pertença ao grupo,

define-se o caráter de família nuclear e alargada, além de orientar nas escolhas próprias de cada indivíduo. Por mais que as Estruturas possam ser reorganizadas diante das inúmeras realidades, seus traços são definitivos na pessoa, rompem-se os processos, mas a experiência vivida alicerça tudo o que “não mais ainda está lá” e o que ainda está por vir.

A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. Inversamente, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 221).

Tão cristalizados são os processos identitários que Sayad (2000), em fase da dinâmica migratória, vai dizer que os espaços, onde se organizam tais estruturas, são por definição “espaços nostálgicos”, ou seja, “[...] lugar aberto a todas as nostalgias, isto é, carregado de afetividade” (SAYAD, 2000, p. 12), de sentido, de significados, de vida. Isso porque, na medida que se forma, a pessoa atribui a si, características próprias do lugar onde foram construídos as bases estruturais da formação da personalidade, são esses elementos que cada migrante carrega sobre si nos processos de deslocamentos, seu povo, sua fé, sua terra, suas entranhas mais profundas, enfim, o seu mundo, com tudo que lhe é próprio. No entanto, a reorganização das Estruturas de Plausibilidade, em vista da adaptação à novos espaços, recria um novo mundo, deslocando-o de uma realidade a outra, conduzindo a uma nova articulação do ‘eu’ e das relações sociais, “A estrutura de plausibilidade deve tornar-se o mundo do indivíduo, deslocando todos os outros mundos, especialmente o mundo que o indivíduo ‘habitava’ antes de sua alternância”. (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 203).

3.2. A construção do sentido e o desenrolar da crise

Se as Estruturas de Plausibilidade, formam as pessoas a partir das relações sociais as quais estão submetidas, é oportuno dizer que essas, também, atribuem sentido à vida em todos os seus aspectos. No entanto, se as Estruturas de Plausibilidade estão ligadas ao núcleo familiar e ao contexto social, o sentido, por sua vez, na dimensão subjetiva do indivíduo, naquilo que é próprio de cada um: “O sentido se constitui na consciência humana: na consciência do indivíduo, que se individualizou

num corpo e se tornou pessoa por meio de processos sociais”. (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 14).

Nesta medida, quando falamos de sentido, falamos de tudo o que, de certo modo, está carregado de significado, ou seja, de tudo o que permite a pessoa ser e sentir, seja na própria individualidade, seja na relação com o outro ou com espaço habitado. Se observarmos o *Día de Muertos* para o povo mexicano, só podemos dizer o que essa festa significa para a população de um país, quando a compreendermos a partir do sentido que ela tem para cada núcleo familiar e para cada pessoa na relação com os seus mortos. A abundância de significados e a consciência do sentido que envolve a preparação e a celebração da festa, atribui um caráter de proximidade, único e indelével, em relação a pessoa viva e àquele ou àquela que já morreu e vice-versa, a partir da experiência feita durante a vida, são rastros deixados ao longo da trajetória humana, que afirmam a experiência de proximidade após a morte.

O sentido nada mais é do que uma forma complexa de consciência: não existe em si, mas sempre possui um objeto de referência. Sentido é a consciência de que existe uma relação entre as experiências. O inverso também é válido: o sentido de experiências – e, como ainda será demonstrado, de ações – será construído em primeiro lugar por especiais realizações ‘relacionais’ da consciência (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 15).

Assim, quando falamos de sentido, falamos do conjunto de significados que formam a pessoa, seja de forma subjetiva, quando forma a própria consciência, seja objetiva, quando impacta as relações sociais. Muito embora sua construção seja fruto do discernimento pessoal, o sentido é formado a partir de interferências externas, relacionadas ao meio em que vive, as opções do grupo ao qual está inserido e ao contexto mais amplo da vida em sociedade. Berger (1985, p. 40), vai dizer que “A sociedade é a guardiã da ordem e do sentido não só objetivamente, nas suas estruturas institucionais, mas também subjetivamente, na sua estruturação da consciência individual”.

Berger (1985, p. 38-41) continua a nos fazer entender a construção do sentido, individuando dois conceitos fundamentais na compreensão, tanto do sentido, quanto da crise em sua ausência: O ‘nomo’ é uma realidade estabelecida quando há um ordenamento significativo do mundo construído socialmente, ou seja, uma organização na fala e nas várias formas de linguagem, nos contextos socioculturais, na ordem comum das coisas e dos fatos. Ao apropriar-se do ‘nomo’, o “indivíduo dar

sentido a própria biografia”, (1985, p. 40), ele sabe objetiva e subjetivamente quem é e quem são aqueles que estão ao seu redor e o que significa cada realidade ao qual foi e é submetido. O contrário dessa experiência, Berger chamará de ‘anemia’, ou seja, a separação real e radical da pessoa em relação ao ambiente social ao qual está submetido, “(...) o indivíduo não perde, nesses casos, apenas os laços que satisfazem emocionalmente. Perde a sua orientação na experiência.” (1985, p. 41). A ausência do ‘nomo’ exclui a pessoa do ambiente que o edifica enquanto um ser inserido numa determinada realidade, provocando uma não compreensão do que lhe é próprio, da sua identidade, do seu ser, torna-se ‘anômico’, ou seja, sem mundo (1985, p. 41).

É por esse motivo que a separação radical do mundo social, ou anemia, constitui tão séria ameaça ao indivíduo. O indivíduo não perde, nesses casos, apenas os laços que satisfazem emocionalmente. Perde a sua orientação na experiência. Em casos extremos, chega a perder o senso da realidade e da identidade (BERGER, 1985, p. 40-41).

Entender o que de fato caracteriza ‘nomo’, ‘anemia’ e ‘anomia’, nos ajudará a perceber sua relação com a crise desencadeada pela ausência de sentido, se de um lado é uma crise iniciada na consciência da pessoa, por outro, ela está intimamente ligada ao ambiente e ao grupo que vive. É certo que voltaremos a tratar sobre esse tema no terceiro capítulo, todavia, é bom nos depararmos com essa realidade já aqui, relacionando-a com as pessoas que, por diversas realidades e necessidades, viveram rupturas provocadas pelos diversos tipos de deslocamentos, sejam esses vividos em situação de migração, seja ainda por rupturas provocadas por distanciamentos sociais, pela morte, por grandes traumas, entre outras condições que distancia a pessoa do grupo social, religiosos e/ou dos núcleos familiares. Tais rupturas colocam a pessoa diante do vazio provocado pela ausência do núcleo que sustenta as Estruturas de Plausibilidade e conseqüentemente daquilo que a define como um ser em relação. Sem a base, a ordem da consciência cede lugar ao caos da indefinição da própria identidade, dando origem a crise de sentido, causa a confusão que leva ao total desequilíbrio, físico, psíquico, social e espiritual.

Ser separado da sociedade inflige também ao indivíduo intoleráveis tensões psicológicas, tensões que se fundam no fato radicalmente antropológico da socialidade. O perigo supremo de tal separação é, no entanto, o perigo da ausência de sentido. Esse perigo é o pesadelo por excelência, em que o indivíduo é mergulhado num mundo de desordem, incoerência e loucura. A realidade e a identidade são malignamente transformadas em figuras de horror destituídas de sentido (BERGER, 1985, p. 41-42).

Nas situações de crise, a busca de ressignificação da própria existência proporciona um novo entendimento das próprias experiências de vida. A consciência do caos é uma oportunidade de uma reorientação no 'nomo', em busca de uma nova realidade de sentido, que se dá na coragem de ir além, de inserir-se em um novo grupo social, em dar significado às novas experiências, em perceber novos caminhos de interação. É certo, que diante da solidão da ausência, a pessoa, aberta à novidade, encontra possibilidades de reerguimento das próprias Estruturas de Plausibilidade, para isso as Comunidades de vida e as experiências da fé tornam-se fundamentais na reorganização de processos vitais na superação do caos, neste sentido seguimos esse texto buscando compreender o que são essas comunidades e como elas auxiliam na superação da crise e na constituição do sentido.

3.3. Comunidades de Vida e a experiência da fé

Dentro dos processos de ressignificação do sentido, próprio da pessoa em constante movimento interior, encontramos a possibilidade da organização do 'nomo' a partir das Comunidades de Vida. Mais do que um conceito, as Comunidades de Vida, são possibilidades concretas de reerguimento e reconstrução das próprias experiências. Em algum lugar, ou em alguma etapa da vida, todos nós já nos deparamos com a necessidade de encontrar um grupo, uma Comunidade e, tomando parte nela, assumir uma nova dinâmica de organização das Estruturas de Plausibilidade e conseqüentemente da formação de sentido. De forma mais objetiva, podemos dizer que essas Comunidades, são grupos formados por pessoas que vivem experiências comuns, sentem necessidades semelhantes, sofrem com dramas reais, em muitos casos são vítimas de um mesmo sistema ou protagonistas de causas que buscam o bem de todos.

Não é preciso muito para identificarmos muitas dessas Comunidades, entre os mais jovens, a encontramos nas praças ou online, vestido de preto e roupas estranhas, ou simplesmente nas fotos de perfis das redes sociais. Entre os adultos, essa pode estar nos clubes e nas igrejas, nas rodas de conversas no final de tarde ou na equipe de trabalhos voluntários. Nelas somos iniciados, formados e inseridos, nelas nos identificamos e vivemos etapas da própria existência, nelas vivemos a experiência dos ritos de passagem, iniciamos e concluímos processos de travessia. Enfim, o que talvez possa até ser demasiado simples, tem força na medida que se torna fundamental na organização do eu e das relações sociais. O que agrega valor

às Comunidades de Vida é a capacidade de abrir-se aos que dela se aproximam e a forma que disponibiliza, no cotidiano e na rotina, caminhos de envolvimento social. Berger e Luckmann (2012) dizem que:

As comunidades de vida são caracterizadas por um agir que se repete com regularidade e diretamente recíproco em relações sociais duráveis. Os integrantes depositam uma confiança institucional, ou firmada em outra coisa, na durabilidade da comunidade (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 27).

Entre os que migram, o encontro com as Comunidades de Vida, torna-se fundamental no processo de adaptação ao novo território, e principalmente na reconstrução do sentido. A crise provocada pelo deslocamento forçado ou não, o abandono do lugar onde se organiza o sentido, o rompimento com as relações sociais onde foram firmados os afetos e o modo de ver e compreender a vida, precisam necessariamente ser transformados. Nas ruas do Glicério, onde parte desta pesquisa ganha forma a partir dos migrantes que lá moram, é possível verificar esses processos de reconstrução do sentido a partir da formação das Comunidades de Vida, firmadas nos espaços de morar. Considerando que a principal forma de habitação do território se dá em cortiços, é comum encontrarmos grupos de uma mesma nacionalidade, que compartilham do mesmo espaço de morar (cada família ocupa um cômodo das habitações e compartilham de espaços como lavanderias, pátios, ...). Entre eles encontramos migrantes angolanos que compartilham de um mesmo imóvel encortiçado, grupos de haitianos fazem a mesma experiência, mas com a particularidade de 'ocupar' o espaço de morar para, também, celebrar o culto e os ritos próprios de expressão religiosa. Quando questionados a resposta é sempre muito fácil, morar juntos ajuda a superar a ausência do lar, torna mais fácil a preservação dos costumes próprios de cada nacionalidade, compartilham do cuidado com a casa e com as pessoas, socorrem uns aos outros diante da necessidade. Tal experiência não se dá apenas entre migrantes, é possível verificar, também nos cortiços do Glicério, que a opção de compartilhar da mesma habitação está entre pessoas que vivem dramas comuns, como familiares de pessoas privadas de liberdade ou que vivem do comércio informal nas ruas dos grandes centros.

As comunidades de vida pressupõem um mínimo de comunhão de sentido. Esta medida pode ser mínima em algumas sociedades ou para certas formas de comunidade: a concordância pode referir-se apenas ao sentido objetivo dos esquemas do agir social de todo dia, como talvez no antigo governo da casa por escravos ou numa prisão

moderna. Mas as comunidades de vida podem também aspirar uma completa concordância em todos os estratos de sentido, incluindo as categorias de toda a conduta de vida, como uma ordem monástica ou na representação ideal de um certo tipo de casamento. Mas a maioria das formas de comunidades de vida existentes nas diferentes sociedades e épocas espera atingir um grau de comunhão de sentido que esteja entre o mínimo e o máximo (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 28).

Outra característica fundamental para legitimação das Comunidades de Vida, é quando essas estão relacionadas com as experiências religiosas, ou seja, quando as mesmas se formam a partir da religião ou das experiências de fé de cada povo e/ou grupo social: “Toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento.” (BERGER, 1985, p. 17). É comum nos depararmos com pessoas que põe toda a sua confiança na comunidade de fé, depositando nela toda a possibilidade de ressignificação da própria existência.

Quando a interpretação das Comunidades de Vida, tornar-se distante do bem comum é possível verificar que essas são mais vulneráveis ao prazer individual ou a segregação do contexto social. Considerando essa realidade, constatamos facilmente entre os cristãos católicos, o crescimento de Comunidades de Vida, de caráter pentecostal, que se tornaram verdadeiros guetos, com objetivo de atender as necessidades que satisfazem, principalmente, os desejos pessoais. Nesse sentido, vale considerar que, Estruturas de Plausibilidades frágeis, formam comunidades de sentido igualmente frágeis, é o que Berger (1985, p. 72-73), diz quando afirma que, quando Estrutura perde sua integridade, “o mundo cristão começa a vacilar e deixa de se impor como verdade evidente”.

Por outro lado, “a religião serve, assim, para manter a realidade daquele mundo socialmente construído no qual os homens existem nas suas vidas cotidianas. Seu poder legitimamente tem, contudo, outra importante dimensão – a integração (...)” (BERGER, 1985, p. 67). Deste modo, para muitas pessoas e grupos, o apoio encontrado nos grupos religiosos, tornam-se fundamentais na ressignificação do sentido, apoio esse, tantas vezes iniciados na partilha do pão, na orientação para documentação, na comunhão diante da dúvida e do medo, no auxílio na hora da angústia e da falta de novas possibilidades. Para muitos migrantes, acompanhar o culto na própria língua, participar das festas e solenidades próprias de seu país em

território estrangeiro, é sentir-se novamente em casa e encontrar um novo jeito de viver a experiência da fé.

3.4. Viver entrelugares e a possibilidade do Retorno

Uma pausa na leitura de Berger, nos fez chegar até Sayad²⁹, sociólogo argelino, que muito escreveu sobre o fenômeno da Migração. Sayad nos propõe uma leitura sobre a dimensão do lugar e do retorno, sempre na dupla perspectiva do imigrante e do emigrante, a teoria de Sayad nos faz compreender melhor os conceitos em volta das Estruturas de Plausibilidade e sentido que nos foi apresentado por Berger.

Não existe imigração em um lugar sem que tenha havido emigração a partir de um outro lugar, não existe presença em qualquer lugar que não tem a contrapartida de uma ausência alhures. É a própria condição do humano, é a sua finitude que está em causa: não se pode estar presente simultaneamente em dois lugares diferentes, mas se pode ir de um lugar a outro, o espaço se deixa percorrer e permite, assim, uma multipresença sucessiva no tempo. Não se pode estar e ter estado ao mesmo tempo. O passado, que é o 'ter-estado', não pode jamais tornar-se novamente presente em voltar a estar-no-presente, a irreversibilidade do tempo não permite. (SAYAD, 2000, p. 11)

Todavia, antes de chegarmos ao pensamento do autor, vale uma rápida passagem na história de Dona Idalina, apresentada em um programa de televisão³⁰. Dona Idalina é uma senhora negra, Mãe de Santo, nascida no Espírito Santo, migrante no Rio de Janeiro. Vítima de um relacionamento abusivo, abandonou seu lar junto com os filhos. Depois de muito sofrimento, Dona Idalina, descobriu a 'Espiritualidade' como ela a chama, do e no terreiro começa a ajudar as pessoas a encontrar novas perspectivas na vida. Vítima do abandono, aprendeu a acolher todas as pessoas que chegavam até ela. Fundou o "Projeto Social Semeando Axé" e ali oferece educação,

²⁹ "Abdelmalek Sayad (1933-1998) nasceu em Aghbala, na comuna cabila de Beni Djellil, na Argélia, país marcado por mais de um século pelo regime colonial francês (1830-1962). (...) Único filho homem de uma família de camponeses, recebeu do pai, liderança política local, apoio e suporte para se formar. Torna-se professor de ensino escolar e, paralelamente, entre 1958 e 1961, continua seus estudos na Universidade de Argel, onde, sob orientação do sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002), forma-se para o desenvolvimento de pesquisas de campo engajadas na denúncia do colonialismo. Sayad explorou o impacto da modernidade ocidental no universo rural argelino e o fenômeno migratório como resultantes das longas relações coloniais impostas pela Europa ao norte da África, que, seriam mantidas apesar do processo de descolonização. (Fonte: Enciclopédia Antropológica – FFLCH – USP. Disponível em: <<https://ea.fflch.usp.br/autor/abdelmalek-sayad>> Acesso em: 22 dez. 2022).

³⁰ A história de Dona Idalina foi apresentada no programa Domingão com Hulk, no episódio do dia 18 de dezembro de 2022. O vídeo completo está disponível em: <<https://gshow.globo.com/programas/ Domingao-com-hulk/episodio/2022/12/18/videos-do-episodio-de-domingao-com-huck-de-domingo-18-de-dezembro-de-2022.ghtml#video-11214038-id>>.

cultura e fé, para crianças, jovens e adultos, abandonados por um sistema que só ensina a intolerância, a mentira e o desamor. Mesmo realizada em vários aspectos da vida, Dona Idalina está sempre inquieta com suas origens, sente que precisa retornar ao lugar dos seus pais, o lugar de onde seus antepassados saíram escravizados. Um exame de DNA revela que, provavelmente seus ancestrais vieram de Benin (África Ocidental – País onde se iniciou o Vodun), numa viagem inesperada ela chegou até lá para conhecer sua história e foi até a Árvore do Esquecimento. É nesta árvore que queremos chegar, segundo os historiadores que acompanharam a reportagem, os escravos que eram comercializados e trazidos para a América, passavam pela árvore e eram orientados pelos compradores a dar volta na árvore e deixar ali sua terra, seus costumes e sua fé. Mas, não era isso que os negros faziam, ao redor da árvore eles pediam que seus espíritos retornassem para aquele lugar, quando o corpo caísse morto em terra estrangeira. A árvore se tornou um sinal sagrado para aquele povo, o lugar do retorno à casa daqueles que foram retirados forçadamente da sua Casa. Dona Idalina, ao redor da árvore encontrou seu Tataravô, que veio como escravo para o Brasil, ali ela encontrou sua história, resgatou o sentido da própria existência, fez a travessia e reencontrou a paz para continuar sua missão.

O retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta ao cego, mas, como cego, eles sabem que esta é uma operação impossível. Só lhes resta, então, refugiarem-se numa intranquila nostalgia ou saudade da terra (SAYAD, 2000, p. 11).

Sayad (2000), ajuda-nos a entender a inquietação que mantém a relação entre a pessoa que migra e seu lugar de origem, nesse sentido ele nos apresenta um novo modo de compreender a espacialidade ou o território, é a ideia do 'entrelugares', que vários migrantes vão citar nas entrevistas apresentadas no capítulo seguinte. Viver entrelugares, é habitar um determinado espaço físico, mas sua vida (suas Estruturas de Plausibilidade, o sentido), está fincada em outro lugar, na 'Casa-Mãe', no lugar onde tudo, até então tinha sentido, apesar de todas as dores, da miséria, da perseguição. Viver entrelugares é ter sempre consciência de identificar-se com dois lugares e não possuir nenhum. Não possui porque a travessia já o fez diferente, já desestabilizou as Estruturas, o sentido passa a ter novas configurações, os significados agora permeiam novas realidades, o que chega a um novo território já não é o mesmo que saiu de sua terra.

[...] não existe verdadeiramente retomo (ao idêntico). Se de um lado, pode-se sempre voltar ao ponto de partida, o espaço se presta bem a esse ir e vir, de outro lado, não se pode voltar ao tempo da partida, tomar-se novamente aquele que se era nesse momento, nem reencontrar na mesma situação, os lugares e os homens que se deixou, tal qual se os deixou (SAYAD, 2000, p. 12).

A crise do retorno, está intimamente ligada a crise de sentido, porque ambas estão inebriadas de realidades sociais, mas nascem na subjetividade do indivíduo e se entranha em todo o ser. É nesta dinâmica cheia de relações e significados que se instaura o paradoxo entre chegada e saída, inserção e 'des-incersão', toda ausência pressupõe um ausente na vida de alguém (SAYAD, 2000, p. 15). Nesse sentido, a crise migratória como a conhecemos hoje está muito além do que chega ao país, está em quem o recebe e na pessoa que o ver partir, de forma escalonada as Estruturas de Plausibilidade vão se rompendo, os sentidos se dissolvem e a humanidade se encontra diante de uma das suas piores dores, a dor do ausência.

Embora apresentados de forma muito pontual, os conceitos desenvolvidos por Berger, Luckmann e Sayad, nos ajudam a ouvir, acolher e transmitir as experiências vividas pelos migrantes entrevistados e às pessoas que, com eles, trabalham. Não compreender no sentido teórico e vazio, mas naquilo que forma o ser que está em relação conosco, seja nos atendimentos específicos, seja quando os escutamos, seja quando os narramos. O capítulo que segue trás em suas linhas histórias reais, de vidas reais. São relatos de travessias menos e mais dolorosas, exitosas, porém marcadas pela incerteza da saída, a esperança da chegada e a ausência firmada na permanência. As histórias contadas serão por nós interpretas à luz do que aos poucos fomos compreendendo, a partir do que fomos lendo, certos de que mesmo quando buscamos fazer ciência, nos deixamos interpelar pelo sentido que envolve a realidade da vida. Na vida de cada um e cada uma, encontramos as nossas próprias travessias, menos ou mais conhecidas e tomando sobre nós cada sonho de vida, reinterpretamos a nossa própria história.

4. LUGARES DE FALAS: Relatos de uma experiência

Do início deste texto até aqui, concentramos nossa atenção em conhecer realidades e compreender conceitos, agora direcionamos um pouco de atenção à relatos de vida, imagens de um mundo real vivido pelos migrantes. Quem nunca se deliciou com as histórias narradas por muitos de nossos queridos em um fim de tarde, junto com uma boa caneca de café? Conhecemos quem somos e muitas de nossas características pessoais e sociais a partir do que nos contam e apreendemos nos momentos de encontros e partilhas. Para Berger (2014, p. 221) e Bonaccorso (In: CARVALHO; FILHO, 2020, p.15-19), são nessas relações sociais e nos processos que dela se desencadeiam que se modelam, estruturam e mantêm a identidade do indivíduo ao mesmo tempo que essa interage sobre a realidade social em que ele vive. Essas experiências, quando compartilhadas em relatos estruturados, ou não, se tornam fonte de conhecimento fundamental para o desenvolvimento de pesquisas em diversas áreas de estudo. Segundo Verena Alberti em entrevista a jovens pesquisadores do Ceará:

(...) a história oral reúne várias coisas de várias disciplinas. Ela pode ser aplicada em várias disciplinas. Mas ela também reúne instrumental teórico de várias disciplinas, como da própria história, da sociologia, da antropologia, da teoria da literatura. (In: FREITAS; ARAÚJO; SALES. 2017, p. 239)

Nesse sentido, quando fazemos uso do método do depoimento oral em nossa pesquisa estamos abrindo possibilidade de descoberta de novos possíveis caminhos, talvez até inesperados em nossos estudos. O resultado da escuta atenta da experiência do outro nos coloca diante do fato já interpretado a partir da experiência de cada um (Cabral, 2010) e esse quando analisado ou comparado a um conjunto de novos relatos desencadeiam novas formas de compreensão do fato estudado.

Cabral (2010), apresenta-nos em seu texto “Entre falas e silêncios”, importantes considerações quanto ao uso do depoimento oral nos processos de desenvolvimento de pesquisas, principalmente no campo de Ciências da Religião, para o qual o texto dirige especial atenção. O cuidado respeitoso com o que nos é oferecido na partilha das próprias experiências vividas por cada pessoa; empatia diante do fato narrado; atenção e fidelidade durante o processo de transcrição das narrativas, asseguram um texto consciente.

Tanto para Cabral (2010) quanto para Alberti (in: FREITAS; ARAÚJO; SALES. 2017, p. 241), é importante o que está além da fala, o silêncio, as expressões corporais, a calma ou a inquietude durante a narrativa, o ambiente, os ruídos e as impressões que esses podem causar, as pausas, a respiração, o choro e até mesmo o riso: “Eu acho que a pessoa ri em diferentes circunstâncias e, no caso, não é riso de felicidade ou gargalhada, mas é o riso assim, como uma vírgula depois que a pessoa acabou de falar, um ponto, um parágrafo.”

A parte central da pesquisa encontra agora com um grupo de migrantes escolhidos segundo os objetivos que pretendíamos chegar. Vamos ao pátio da Missão Paz guiados pela experiência de nove pessoas que viveram processos de travessia, são cinco mexicanos e quatro peruanos, ouvindo suas histórias nos encontramos, de forma concreta, com o que os autores nos apresentaram no capítulo anterior. Alguns deles se encontraram na Missão Paz, outros foram por ela assistidos, há quem ainda tenha apenas vivenciado ali experiências menos ou mais significativas. Somam-se ao número de migrantes, três relatos de interlocutores qualificados (dois presbíteros e um leigo) que, no dia-a-dia, acompanham os desafios e perspectivas dos migrantes que, por muitos motivos, buscam a Missão Paz. Muito embora seus testemunhos não apareçam claramente aqui, eles foram fundamentais para nos encontrarmos com os migrantes com o pensamento aberto à realidade vivida. Todas as pessoas entrevistadas autorizaram a publicação do nome e das respectivas informações a serem apresentadas, recordando que essas foram feitas por meio de plataformas digitais (Google Meet e WhatsApp), estando os vídeos salvos em arquivo pessoal. Contaremos essas histórias recordando as palavras que serão, diretas ou indiretamente, transcritas a partir dos pontos abaixo, sempre considerando que, cada detalhe trás um mundo de significados que transcendem a nossa própria capacidade de compreensão.

4.1. Processos de travessia

Enfim, relação ao grupo, e aos dois grupos: aquele do qual se emigrou, e aquele do qual se tomou um imigrante. Esta relação não é muito clara, não é nunca totalmente límpida de uma parte e de outra; é da natureza do fenômeno migratório que ela seja fundamentalmente ambígua, que ela esteja no nó das contradições que habitam a consciência de todo emigrante e imigrante [...] (SAYAD, 2000, p. 13).

Quando Sayad nos diz que por trás de todo imigrante, há um emigrante (SAYAD, 2000, p. 11 e 13), ele nos ajuda a entender que em todo processo de

travessia encontramos no mesmo indivíduo o que entra em um novo território e o que deixa para trás a sua terra, é a dinâmica do movimento migratório que acompanha cada passo do migrante. Uma saída forçada ou não sempre rompe com uma existência e desafia a pessoa a deixar estruturas que até então o mantinha, mesmo se questionada diante da situação vivida, eram essas estruturas que sustentavam a esperança de ficar na mesma medida que o desafiava a ir. A ambiguidade que Sayad nos fala, é próprio da crise que está entre o ir e o ficar, a esperança e o medo, a adrenalina da partida associada a medo da novidade que está por vir. Neste “nó das contradições” é que nós vamos tentar compreender e discernir cada relato ouvido durante as entrevistas, cada história vem carregada de sentimentos que se tornam um primeiro fundamento na nova constituição das Estruturas de Plausibilidade.

Quando Cláudia (México), se apaixonou pelo primo de sua amiga, ela não esperava que dois meses depois estaria no Brasil. “Foi amor”, diz Cláudia, que estava maravilhada com a possibilidade de conhecer um novo país e ainda, ao lado daquele que escolhera como seu marido, superou o medo de deixar sua família. Ela conta que “a ficha só caiu” duas semanas depois da sua chegada em São Paulo. Foi aí que ela percebeu que não tinha mais seu país, seus pais, seu irmão e que, nem mesmo sabia falar a língua do lugar onde estava. Esse ‘dar-se conta’ colocou Cláudia diante da dor da solidão e da angústia, ela já não tinha mais nada daquilo que sempre foi a base de sua vida. A depressão tomou conta de seus dias. As conversas por vídeo-chamada a deixava mais tranquila, mas, o que ela não esperava era que, 45 dias depois de sua chegada ao Brasil, o seu pai, lá no México, viria a óbito. O retorno quase que imediato ao México para sepultar o pai, a ajudou a reviver a experiência da partida e o drama de deixar para trás. Depois de algum tempo, Cláudia voltou para o Brasil, já não tinha o êxtase da primeira vinda, agora ela tinha a consciência da família que tinha formado aqui e mais ainda, a consciência da família que tinha deixado lá. Como afirmam Berger e Luckmann (2012, p. 18): “Certamente deve-se procurar na constituição subjetiva do sentido a origem de todo o acervo social do conhecimento, do reservatório histórico do sentido, do qual se nutre a pessoa nascida numa determinada sociedade e numa época certa”. O primeiro e depois, os muitos retornos, de Cláudia ao México, fez ela percorrer o que a constituía enquanto pessoa, sua história familiar e seu contexto social, quando ela afirma que “amadurecer dói”, ela se coloca na condição de

reconstrução do próprio sentido, abrindo-se aos novos processos subjetivos que a forma e a insere num novo contexto social.

Diana (Peru) passou pela experiência da ausência antes de iniciar seu processo de migração. Quando ela tinha onze anos, sua mãe migrou para o Brasil, veio para trabalhar na casa de uma família argentina residente em São Paulo/SP, com a expectativa de dias melhores para ela e sua filha. Diana, menor de idade e filha de pais separados não pôde acompanhá-la e foi deixada na casa de um tio. Sua mãe sempre manteve contato, mas, devido a problemas com documentação ficou por um longo período sem ir ver a filha. A ausência da mãe a acompanhou por longos sete anos, até ela completar dezoito e poder viajar até o Brasil. Ela lembra da expectativa de vir para o Brasil, era um dia depois de seu último dia de aula no colégio e para não perder o voo teve a colaboração do professor de matemática para não precisar refazer o exame final. A alegria de vir para junto da mãe a acompanhava e a fazia dizer a todas as pessoas que estava vindo para o Brasil. Quanto aos medos, só a língua a deixava insegura, tinha receio de não conseguir conversar, estudar e dar continuidade a vida interrompida ao migrar. Sua inquietação a fez aprender rápido o novo idioma: “Eu falei, já está na hora de fazer alguma coisa da minha vida. Aí eu falei, mas o que eu faço? O que eu gosto? Eu gosto muito de ler, então eu já tinha começado a ler livros para as aulas de português. Então eu comecei a ler livros, comecei a ouvir músicas e a repetir as músicas. Então, aí eu comecei, aí eu falei para, não, eu quero fazer um cursinho, quero, fazer uma faculdade.” Para Diana, seguir a vida sempre foi um objetivo e para ela a convivência, o agir social era fundamental para se manter dentro da estrutura que tornava plausível a própria vida, assim como diz Berger e Luckmann (2012, p. 17): “A vida cotidiana está repleta de múltiplas sucessões de agir social, e é somente neste agir que se forma a identidade pessoal do indivíduo.”

Para Victor (Perú), o processo de travessia foi planejado, organizado e estruturado. O gosto pela língua portuguesa o fez estudar e aproximar-se de uma amiga, estudante de letras que fazia intercâmbio para aprender mais o espanhol e a cultura peruana. Antes de vir ao Brasil ele foi pedir a bênção da “*Mamita de Chapi*” (principal devoção mariana do povo peruano), sua ‘permissão’ era fundamental para desbravar a nova terra. Como dito anteriormente, o sonho de migrar é algo que nasce junto com peruano, e foi esse sonho, e a permissão da Virgem que fez Victor desembarcar no Brasil, sua meta era ficar três meses, hoje somam-se quase 22 anos

em terras brasileiras. Quando perguntado como foi a experiência de migrar, ele foi objetivo: “difícil”, muito embora tenha sido desejada e planejada, o que torna difícil, segundo ele, é o romper com os laços afetivos que o constituía enquanto pessoa, deixar a pátria é deixar a própria casa, diz ele “a migração nos tira a terra, a família, nós ficamos sozinhos no mundo, as pessoas nem percebe, mas há muita dor.” A dor narrada por Victor, tornou a base de sua reorganização das próprias estruturas que tornaram plausíveis a vivência em terras estrangeiras, diante da solidão a memória daqueles que ficaram para trás, especialmente sua avó, o sustentou. A força dela e da Virgem de Chapi era, para ele, a certeza que era possível continuar e construir novos sentidos na medida que novas relações sociais e religiosas vão se constituindo e firmando ressignificando os processos de travessias.

Segundo Victor, o maior desafio da migração é o sentido de não pertencimento a nenhum território, “não sou brasileiro, mas já não me sinto peruano, tornei-me um turista em meu próprio país e aqui, sou apenas um migrante”, completa ele. Se falamos que migrar é viver entrelugares, Victor nos sugere que é viver e sem lugar. Por mais que as experiências vividas nos processos de inserção contribua para uma adaptação territorial e cultural, o senso de apropriação, que brota da consciência do indivíduo, torna-se lento e doloroso. É diante dessa angústia, que se desencadeia os processos de crise de sentido, principalmente quando considerado que o alicerce para a constituição de novas estruturas de plausibilidade se dá quando se firmam os passos em uma nova realidade. A fé, segundo Victor, é o elo que vincula os dois territórios, somente quando ele trouxe a imagem da Virgem de Chapi e com ela a memória da sua casa materna, foi que a ordem começou a se recuperada, muito embora não plenamente.

Por fim, nos encontramos com Maria Fernanda (México). Assim como Cláudia, foi o amor que a trouxe para o Brasil. No México ela conheceu seu esposo, um brasileiro que tinha migrado com sua família ainda quando criança, ao longo dos anos suas histórias se cruzaram algumas vezes até que decidiram unir-se em matrimônio. Por circunstâncias profissionais, migraram para o Brasil. Para Maria Fernanda, há muitas semelhanças entre o Brasil e o México, mas o impacto da migração a assombrou quando ela se deparou com a agitação da cidade de São Paulo/SP. O seu esposo, na tentativa de ajuda-la a superar a saudade que a deixava em profunda tristeza a levou para a Missão Paz, pensava ele que se ela tivesse a possibilidade de

se encontrar com pessoas que viviam experiências semelhantes e pudesse celebrar ouvindo, rezando e cantando na própria língua, ela poderia se animar um pouco mais. De fato, essa experiência foi fundamental para ela, junto aos seus, Maria Fernanda, pôde se redescobrir na fé e fraternidade que os faz irmãos, no entanto, viver a experiência na Missão Paz, a fez perceber a necessidade de poder participar e celebrar na comunidade local, permitindo-se acolher a novidade do idioma, dos costumes e dos ritos próprios de cada lugar, somente se afirmando na sua realidade pessoal, ela se permitiu viver uma nova realidade comunitária e eclesial.

“Uma tal perfeição na estrutura de plausibilidade é improvável. Por esta razão, a comunidade de apoio (neste caso, a Igreja institucional) providencia práticas, rituais e legitimações específicas que mantém a fé acima e além de sua sustentação básica por um meio social católico. Isto, é claro, inclui todo um conjunto de práticas piedosas, desde os sacramentos formais até os ritos particulares de reassseguramento (como a oração), recomendados ao indivíduo”. (BERGER, 2018, p. 68)

As narrativas das travessias, contribuem para entendermos sobre os impactos causados no ato de migrar na elaboração da consciência de vida em novo território. Muito embora nas situações analisadas não tenhamos nos deparado com situações de migração forçada, encontramos, mesmo assim, situações de dor provocadas pelos vários tipos de rompimentos causados pelo ato de sair, de deixar para trás relações de sentido e estruturas de vida. Se pelo amor, se pela dor, migrar é sempre abandonar-se a ausência da própria identidade que constitui a pessoa enquanto ser em relação consigo, com o outro, com o território e com o transcendente. Nesse sentido migrar é permitir atravessar a própria consciência para chegar ao outro lado de uma nova existência, desconhecida, para ser compreendida e apreendida, na medida que se une as pontas rompidas e se inicie novos processos de cura e transformação da nova condição submetida.

4.2. Ser migrante, estar com migrantes: desafios e perspectivas

[...] plausibilidade, no sentido daquilo que as pessoas realmente acham digno de fé, das ideias sobre a realidade depende do suporte e social que estas ideias recebem. Dito mais simplesmente, nós conseguimos nossas noções sobre o mundo originalmente de outros seres humanos, e estas noções continuam sendo plausíveis, para nós em grandes e uma parte, porque os outros continuam a afirmá-las (BERGER, 2018, p. 64).

A migração, muito mais que uma escolha pessoal, é um evento social. Sua necessidade parte de conjunto de realidades que obriga a pessoa a tomar uma decisão junto ao grupo social que pertence. Berger e Luckmann (2012, p. 31), vão dizer que quando nos deparamos com um mundo social em “frequentes crises subjetivas e intersubjetivas de sentido”, não devemos procurar no indivíduo o estopim para tal situação, o mais provável, segundo eles, é que seja um mal social, ou seja, uma crise que se desencadeia na própria estrutura social ao qual o grupo está submetido. Na contínua necessidade de relações que continuem a dar significado ao sentido, a pessoa que migra, sempre que possível, busca na Comunidade de Vida a segurança da própria consciência cultural e social:

Quando falamos da constituição do sentido na consciência do indivíduo, já ficou claro que não se podia tratar de um sujeito isolado, de uma mônada ‘sem janela’. A vida cotidiana está repleta de múltiplas sucessões de agir social, e é somente neste agir que se forma a identidade pessoal do indivíduo. Vivências puramente subjetivas são o fundamento da constituição do sentido: estratos mais simples de sentido podem surgir na experiência subjetiva de uma pessoa. Mas estratos superiores de sentido e uma estrutura mais complexa de sentido pressupõe uma objetivação do sentido subjetivo no agir social (BERGER, LUCKMANN, 2012, p. 17).

Quando Yolanda (Peru), veio para o Brasil, ela já tinha feito a experiência de migrar dentro do seu próprio país. Ela conta que ainda era muito pequenina, mas precisou adaptar a vida do campo à rotina agitada da cidade de Lima, todavia o núcleo familiar estava reunido e tudo se tornou mais fácil. Já na vida adulta, Yolanda migrou para o Brasil, sozinha, como ela mesmo diz, trouxe na mala “só a coragem” e a expectativa de reorganizar a vida. Na busca de regularizar a documentação, ela chegou à Missão Paz: “A Missão é muito importante, porque lá eu encontro meus conterrâneos, a gente tem essa fé, a fé no *Señor de Los Milagros* que nos reúne todo mês, todo mês temos a novena. E agora na pandemia tem também pelas mídias, eu também consigo participar. Mas na festa principal, que acontece no mês de outubro, eu estou lá.” Yolanda conclui essa parte da entrevista afirmando que, “quando eu quero encontrar meus irmãos, eu vou até a Missão.” Nessa perspectiva a Missão Paz tornou-se, para Yolanda, um lugar de encontro, uma experiência de família alargada, de dar sentido ao próprio sentido, de manifestação fé, de encontro com a cultura.

A realidade subjetiva depende assim sempre de estruturas específicas de plausibilidade, isto é, da base e social específica e dos processos sociais exigidos para sua conservação. Só é possível o indivíduo manter sua autoidentificação como pessoa de importância em um

meio que confirma esta identidade; uma pessoa só pode manter sua fé católica se conserva uma relação significativa com a comunidade católica, e assim por diante. A ruptura da conversa significativa com os mediadores das respectivas estruturas de plausibilidade ameaça as realidades subjetivas em questão.(BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 198-199).

Fernando Damián veio para o Brasil numa realidade diversa. Entrou em terras estrangeiras como religioso (Missionário Scalabriniano) e estudante. Veio com um objetivo específico e uma causa maior. Na Congregação conviveu com outros migrantes religiosos e dedicou parte do seu tempo ao cuidado com as pessoas que diariamente chegavam na Missão Paz em busca de auxílio. Anos depois, Damián deixou a congregação religiosa, ele diz que só neste momento “se sentiu um migrante”, já não tinha mais visto de estudante, nem o amparo da instituição. A necessidade o obrigou a buscar um lar, um emprego e a viver o desafio de ser mais um ‘indocumentado’. Era preciso ter um pouco mais de atenção em tudo, já que tudo parecia muito inseguro. Ele conta que buscou auxílio no Consulado Mexicano no Brasil, mas esse não colabou muito e aí, com auxílio de um de outro, seguiu seu destino até sentir-se novamente estável. Ele contou que dias antes da entrevista foi a um restaurante de comida mexicana, ele precisava ‘voltar em casa’: “O restaurante parecia a casa da minha avó, me remete a casa, então, aquilo se transformou em um lugar onde você se conecta com a sua raiz, se conecta com a sua Terra. Então você faz essa viagem, mesmo que seja na memória, não é? Mas que traz presenças e lembranças, não é? Então mata saudade!”. Damián casou e hoje trabalha como professor, tem um lugar pra morar e estabilidade financeira, agora tem, também documento.

Victor (Peru) conta que encontrou na companhia de outros migrantes uma possibilidade de se integrar no Brasil, um mês após sua chegada ele conheceu a Missão Paz, “quando estou na Missão sinto que estou na minha casa, lá no Peru”, celebrar na própria língua, a dança, as comidas, a música, as roupas, o encontro com pessoas que vivem experiências semelhantes, contribuem para o alegrar o corpo e o espírito, sempre na perspectiva de sentir-se sempre mais inteiro na pátria que escolheu viver. A experiência de Victor ajuda-nos a compreender o que Berger e Luckmann (2014, p. 203) escrevem sobre a comunidade Religiosa no processo de identificação com o novo grupo social e de reconstrução da própria Estrutura: “Esta (comunidade religiosa) fornece a indispensável estrutura de plausibilidade para a nova

realidade”. No entanto, no depoimento de Victor, ele nos ajuda a compreender que, numa realidade de migração, muitas vezes a pertença a uma ‘Comunidade de Vida’ pode contribuir para o “não querer integrar-se no novo território”, ou seja, a possibilidade de viver os momentos celebrativos e festivos de acordo com a própria cultura, não permite uma inserção plena na nova realidade territorial, “a pessoa está aqui, mas a mente e o coração está sempre lá, no seu país, isso não é bom, para ficar bem, é preciso está inteiro aqui.” Maria Fernanda (México) narra a mesma experiência, “o que a Missão nos oferece é muito importante para ajudar a manter vivo em nós as alegrias da nossa própria terra, mas não podemos ficar só ali, é preciso celebrar também em língua portuguesa, é preciso viver de acordo com os costumes próprios do país que estamos vivendo.”

Assim como a ausência, a presença também tem seus próprios efeitos. Não se habita impunemente um outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia, em um outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades do contato, os domínios, as experiências e as sensibilidades individuais, por vezes, mesmo não se dando conta delas, e, outras vezes, estando plenamente consciente dos efeitos. (SAYAD, 2000, p. 14)

Para está inteiro é verdadeiramente necessário a formação do sentido e a aceitação de novos processos de resignificação, para isso a justa compreensão das características identitárias são fundamentais para a confirmação do próprio ser que se submete a constantes movimentos subjetivos e objetivos. As Comunidades de vida são responsáveis por acolher e contribuir na formação do sentido, mas não pode ser responsável pelo engessamento das relações e a sustentação de uma presença vazia de significações.

4.3. Resignificações

Inicialmente, relação com o tempo, que é a noção do retorno tal como se configura no imaginário imigrante (e pelo imaginário do imigrante), o retorno é para o próprio imigrante, mas também para o seu grupo, um retorno a si, um retorno ao tempo anterior à emigração, uma retrospectiva; portanto, uma temática da memória que não é somente uma temática da nostalgia no sentido primeiro do termo, a algia do *nostos* (a dor do retorno, a saudade da terra), um mal cujo remédio se chama o retorno (*hostos*) [...] (SAYAD, 2000, p. 12).

Quando os numerosos negros entraram no Brasil, vítimas de um cruel regime escravocrata, eles foram obrigados a abandonar tudo que tinham e possuíam, seja

sua terra, sua família, seja sua cultura e sua fé. Para muitos, a travessia era um processo tão doloroso, que o corpo não resistia, sendo-os sepultados no mar, àqueles que sobreviviam a dor do corpo, eram traspassados pela dor da ausência que rasgavam suas almas. Foi a partir dessa realidade que conhecemos o *Banzo*, uma profunda nostalgia que acometia o povo negro, escravo em terras brasileiras. O *Banzo* é um estado depressivo psicológico profundo, associado a revolta pela privação da liberdade e os duros castigos (HAAG, 2010, p. 87), provocando a ausência de sentido e a perda total de toda e qualquer estrutura que torna a vida plausível. Não se sabe ao certo quantos escravos morreram vítimas do *Banzo*, sabe-se que o número foi tão significativo que se tornou objeto de estudo de muitas pessoas durante o processo de colonização do território, é que nos apresenta Haag (2010) em seu texto. Como forma de sobreviver ao sistema de morte, muitos escravos buscavam formas de ressignificar sua própria constituição de sentido, atribuindo novos significados ao modo de viver e manifestar sua prática religiosa.

Nos dias de hoje, o Vodou ainda funciona com o calendário da Igreja Católica. Os dias de festa dos santos da Igreja Católica coincidem com as festas dos principais espíritos do panteão Vodou e, cada um destes santos tem uma equivalência no Vodou. Por exemplo, no mesmo dia da festa dos reis magos são comemorados os espíritos Congos. No período da quaresma, os santuários Vodou são fechados, não tendo serviço até a Páscoa. [...] Do mesmo modo que as imagens da Mater dolorosa representam a deusa Erzulie-Fréda-Dahomey. Isso acontece porque as jóias que Maria usa e a espada que perfura o seu coração evocam a riqueza e o amor, próprios dessa deusa do Vodou (JOSEPH, 2014. p. 22).

Esse caminho de ressignificação assumiu muitas formas e intensidades, inclusive com as mudanças nos processos migratórios e as várias formas que se dá a partir dos lugares de origem e de chegada. Cláudia (México), quando recorda a festa do *Día de Muertos*, ela nos coloca dois processos de ressignificação, o primeiro ainda acontece junto ao povo mexicano, quando a morte passa a ser celebrada com festa, música, comida e dança. À dor é atribuído um novo significado que supera a morte, é certo que a esse exemplo recordamos a importância cultos indígenas que acreditam na presença espiritual dos ancestrais no meio da comunidade: “Enquanto a família leva o corpo da pessoa morta, outros estão tocando música. Porque lá no México, quando alguém morre, a gente chora porque sente saudade, mas para nós é como uma festa, nada a ver com o halloween, porque é outra coisa, mas para nós é uma festa! Lá no cemitério muitas pessoas costumam fazer almoço. No cemitério, no dia

dos mortos colocamos muitas flores, que aqui se chama cravo de defunto, uma flor amarela, quase laranja, lá se chama flor de Cempasúchil. Tem um cheiro muito forte, a flor é para dar alegria, para oferenda! Tem também outros símbolos, colocar incenso ou flores Cempasúchil que é muito cheiroso, um cheiro muito forte para chamar eles (os mortos), 'vêm aqui, aqui está a oferenda'.

Já no Brasil, Cláudia celebra seu primeiro *Día de Muertos*, com um sentimento duplo, preparar o primeiro altar em sua casa e a este, dedicar o seu pai: "Então foi muito difícil, porque a primeira oferenda que eu coloquei aqui no Brasil foi para meu pai. Então foi super difícil. Eu colocava casa coisa e orava, e orava, e orava, porque eu nunca pensei como seria. E a primeira vez que eu estava longe do meu país, tipo estava morando numa casa sozinha e colocar a primeira oferenda para meu pai." A insistência em manter a tradição mesmo diante da solidão e da dor da perda do pai, fez com que Cláudia encontra-se uma forma de compartilhar daquilo que era próprio de sua cultura: "Aí quando eu coloco aqui em casa (o altar), e vem pessoas, familiares, amigos e ver pergunta o que é isso, eu explico. Teve anos que amigos e familiares traziam as fotos dos seus familiares para eu colocar na minha oferenda, de brasileiros. É super legal porque, tipo, eles veem e nossa que legal, que bonito, né? Talvez meu familiar esteja aí com você e pede alguma coisa, faz uma oração. É legal ver as pessoas participarem da crença, na nossa crença." Hoje, além de acolher novas pessoas no altar que dedica ao seu pai, Cláudia prepara enfeites próprios para o *Día de Muertos*, como caveiras de açúcar, esqueletos de papel (*La Catrina*) e outros. Na alegria de partilhar dos seus costumes, Cláudia aprendeu a lidar com a distância, com a saudade e com o modo diferente que o Brasil celebra seu Dia dos Mortos.

Assim como Cláudia, Maria Fernanda, encontrou nos cultos tradicionais do seu país uma forma de dar sentido a sua fé. Segundo ela, quando morava no México não tinha o costume de celebrar o *Día de Muertos*, por ser do norte do país, o caráter festivo desse dia não estava presente na tradição familiar. Foi no Brasil que ela aprendeu o que realmente significa a festa para o povo mexicano, foi aqui que ela sentiu a necessidade de celebrar. Hoje, em sua casa, em novembro há um altar, a memória dos entes queridos falecidos é feita nas oferendas apresentadas, nos relatos narrados e na tradição que sustenta a esperança do encontro entre nós e aqueles que já morreram. Assim como a festa da Virgem de Guadalupe, para Maria Fernanda,

celebrar o *Día de Muertos* é a possibilidade de unir-se ao seu povo e manter viva os traços culturais que os identificam enquanto nação.

Para Janet (México), a celebração do *Día de Muertos*, assume um significado muito diferente. Católica não praticante, sempre foi avessa a toda e qualquer prática religiosa. Migrou para o Brasil com sua família há mais de 24 anos, acompanhando seu marido que tinha sido transferido pela empresa que trabalhava. Conheceu a Missão Paz ao ser contratada pela comunidade mexicana no Brasil para preparar o almoço na festa da independência do México. O trabalho temporário a colocou em contato com muitos migrantes residentes no Brasil, o que a levou a 'aproveitar' da oportunidade para lucrar com festas religiosas da comunidade, hoje ela confecciona e vende pequenas caveiras de açúcar e chocolate para serem colocadas sobre os altares nas diversas residências dos mexicanos no Brasil. No entanto, ao final da entrevista, Janet, timidamente abre um parêntese: "eu não vou a igreja, mas todas as vezes que volto ao México, vou visitar a Virgem de Guadalupe, para agradecer por tudo que ela faz por mim e minha família, não vou a igreja, vou ver a minha mãe".

Duas histórias se cruzam nesse processo de ressignificações a partir das experiências religiosas. Victor, já conhecido por aqui e Elvira, migrante peruana, residente no Brasil há quase 18 anos. Ambos viveram a experiência de celebrar '*La festividade em honor al Señor de los Milagros*', em Lima/Peru ou em cidades vizinhas. Para eles, celebrar a maior festa do povo peruano em terras brasileiras é uma possibilidade de reencontrar o núcleo da fé de cada um e de todo o seu povo. Para Elvira, o incenso oferecido ao *Señor de los Milagros*, perfuma a comunidade ao mesmo tempo que leva para Deus as preces de seus filhos e filhas. O cheiro do incenso é o cheiro da cidade de Lima, "é como se fôssemos transportados para o nosso país, o incenso nos leva de novo para junto do nosso povo". Para cada um, ornamentar o andor, preparar as vestes, as brasas, organizar a procissão no centro de São Paulo, é uma experiência que os sustentam para um 'novo ano' que se inicia a partir da contemplação do rosto negro de Cristo Crucificado.

Para o indivíduo pode a Igreja representar então a comunidade mais importante de sentido; por meio dela pode lançar uma ponte significativa entre sua vida particular e sua participação nas instituições sociais. A Igreja pode, por exemplo, comunicar sentido tanto para sua vida familiar quanto para sua cidadania". (BERGER, LUCKMANN, 2012, p. 73-74)

Entre os significativos processos de ressignificações vividos pelos migrantes em sua constante busca de sentido, nos deparamos com possibilidades de novos significados até mesmo entre as estruturas mais rígidas nas festas de religiosas celebradas em outros territórios. Para Elvira, celebrar o *Señor de los Milagros* em Lima, no Peru, tem o sentido da grandeza e da relação com a própria cidade. No entanto, celebrar no Brasil lhe abre a possibilidade de conduzir o andor com o quadro do Cristo Negro, algo que jamais seria possível em Lima, considerando que essa é uma função unicamente para os homens. Conduzir o Senhor, é a certeza que a história de Cristo está associada à sua história, permitindo-lhe a dignidade de está inteira diante do Cristo, como mulher migrante e peruana, para ela é como se ela pudesse representar todas as mulheres de Peru, impossibilitadas de vivenciar essa missão. Ao mesmo, os migrantes mexicanos, em suas residências podem acolher as vidas (fotos e histórias) dos parentes dos amigos brasileiros em seus altares, para todas as realidades, o território estrangeiro abre novos caminhos de transformação e inserção.

Nas histórias contadas e nas vidas entrelaçadas, encontramos as experiências de um povo que encontra na fé possibilidades de superação da ausência, que buscam na crise a certeza da presença de um ser superior que os sustentam na caminhada. Encontramos as mãos daqueles e daquelas que recriam formas de celebrar mesmo em situações adversas. Essa pesquisa começou quando nos perguntávamos como os peruanos festejam o *Señor de los Milagros*, e caminham a passos lentos, no centro da maior e mais agitada metrópole do Brasil? Queríamos saber como os mexicanos celebraram com festa e alegria o *Día de Muertos*, no mesmo dia que pra nós brasileiros é de dor e profunda tristeza? Talvez não tenhamos encontrado respostas objetivas, todavia nos depoimentos escutados, percebemos que a criatividade para se adaptar as circunstâncias, surge da escuta e da necessidade do encontro, da arte de se encontrar para celebrar. Surge da vontade de reviver os caminhos que compunham as experiências individuais formadas a partir do senso coletivo. Surge do desejo de manter vivo para si e para os seus uma realidade de fé, fruto de uma devoção que se sustenta na irmandade e no sonho do retorno à casa, seja deste corpo mortal, seja do espírito que transcende às distâncias e vai ao encontro das muitas árvores plantadas em nossa terra natal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo que essa pesquisa foi iniciada o mundo parou devido a pandemia do Novo *Coronavírus*, algo semelhante não se tinha visto na idade moderna. Os profissionais da saúde, a ciência, as autoridades civis e religiosas, a fé, as várias expressões da sociedade civil e do mundo religioso se dobrou diante do desconhecido. Como não lembrar daquele 27 de março de 2020, quando o Papa Francisco, sob uma chuva fina, percorreu, a sempre tão movimentada, Praça de São Pedro e suplicou pela humanidade que jazia na noite escura³¹. Como não lembrar das centenas de milhares de pessoas mortas e sepultadas no escondimento do medo, da insegurança e da dor. Ninguém sabia o que fazer, nem como fazer. Aos poucos se viam pequenos gestos de solidariedade e compaixão, aos poucos fomos dando-nos as mãos, aos poucos a ciência foi mostrando sua arte e, três anos depois, o mundo começa a se organizar novamente. Durante essa pesquisa, sob a ordem do presidente Vladimir Putin, a Rússia invadiu a Ucrânia. Os olhares do mundo se voltam para aquele pequeno país do leste europeu, com sua população de aproximadamente 45 milhões de habitantes. Estarrecidos com tanta brutalidade, vimos famílias sendo atingidas por bombardeios, casas e prédios públicos destruídos por ‘novas tecnologias’ de armamento de guerra. Acompanhamos a fuga em massa de milhares de pessoas, entre elas, mulheres e crianças, que foram obrigadas a despedir-se de seus esposos, pais, filhos, que precisavam defender seu país. Antes e durante essa pesquisa vimos o Brasil ser mutilado, negligenciado e debochado por um governo truculento, irresponsável e odioso. O Brasil virou uma grande praça de guerra entre as pessoas de bom senso e os apoiadores do presidente. O ódio, a intolerância, a falta de compromisso humano e social, levou o nosso país de volta ao mapa da fome. A educação foi escanteada, pesquisas interrompidas, processos aniquilados por falta de incentivo e verba. As florestas foram brutalmente queimadas e invadidas, os povos originários perderam parte do pouco que tinham, inclusive saúde e dignidade. Sem falar da saúde, nos três anos dessa pesquisa, o Brasil conheceu quatro ministros da saúde, sem falar o tempo que o ministério ficou vacante. Vale recordar que durante todo esse período vivíamos uma pandemia global.

³¹A homilia pronunciada pelo Papa Francisco durante a oração está disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-coronavirus-homilia-integral.html>>

Todas essas recordações não são uteis apenas para registro, são uteis para compreender o contexto histórico que o mundo vive em relação a migração, ao sentido da própria existência e a fé. Essas realidades mostraram ao mundo o drama da humanidade, obrigada a migrar para viver, a ressignificar para compreender, a apegar-se a realidade da fé para vencer os abismos impostos por muitas realidades de dor. Ainda não temos os números reais do quanto essas realidades impactaram nos processos migratórios, a instabilidade que se firmou no mundo contribui para a incerteza das informações, muito embora muitas instituições, entre elas a Missão Paz, continuam a acolher e a buscar novas possibilidades de cooperação para ser uma presença real na vida de tantas pessoas.

Quando nos dispomos a pesquisar sobre o tema da migração, tínhamos como objetivo verificar como a fé se articula nos processos de construção do sentido entre pessoas que viveram e/ou ainda vivem processos de travessia. Num primeiro momento, tínhamos em mente entender as travessias físicas (deslocamento entre um lugar e outro) e como as experiências religiosas se sustentam nesses processos, é certo que a esse tema nos detemos mais, mas a pesquisa nos fez ver que, mesmo entre aqueles e aquelas que nunca migraram de um lugar a outro, vivemos constantes processos de travessias, sejam essas de forma subjetiva, na consciência de cada pessoa, sejam essas nos contextos sociais aos quais somos diariamente submetidos. De forma menos ou mais intensa vivemos em travessia e, graças a elas, estamos em constantes processos de ressignificações dos sentidos que constituem a nossa existência. E constatamos, também, que mesmo entre as pessoas que não participavam de nenhuma expressão religiosa, como a história de Janet, crer em algo ou alguém se torna necessário na superação da crise e nos processos de significação da fé.

A pesquisa, longe de concluir, abre-nos a capacidade de ouvir os relatos para compreender os conceitos apresentados pelos autores. Entre os muitos relatos, encontramos na saudade de Cláudia e no sonho de Diana e Victor, o pensamento de Berger e Luckmann que se debruçam sobre o tema das Estruturas de Plausibilidade e a noção de sentido. Encontramos em Damián a capacidade de se reinventar quando o obvio foge aos pés e, em Yolanda e Elvira no empenho preparar a festa do *Señor de Los Milagros*, a importância do que Berger vai chamar de Comunidades de Vida e essas relacionadas, também aos grupos religiosos. Encontramos na história de Dona

Idalina e na angustia da não identificação com o lugar de manifestado por Victor, o que Sayd nos apresenta sobre a noção do retorno e o viver entrelugares.

Por fim, estamos vivendo a experiência do retorno a normalidade, com a ampliação da vacinação contra o *Coronavírus*, a Rússia ainda castiga a Ucrânia, mas as sanções impostas pelas grandes potências, aliada a resistência de um povo, diminuem o número de mortos e impactos sociais. O Brasil, esse sim, festeja alegria de um novo presidente, enquanto vê a Argentina ser campeã mundial no futebol. Em tudo isso, ainda estamos à procura de ressignificar a nossa existência, de construir novas estruturas e de continuar a lutar pelos direitos de todos os povos, especialmente, aqueles que vivem dolorosos processos de deslocamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (ANPTECRE). **Anais do VI Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião: Religião, Migração e Mobilidade Humana**. Goiás, 2017.

ATTIAS. Isabel Lagarriga. La celebración del día de muertos em la Candelaria, Coyoacán. In: **Cuadernos del Patrimonio cultural y turismo**, n.16. 2016, p. 165-175.

AB'SABER, Aziz Nacib. **São Paulo: ensaios entreveros**. São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial, 2004.

AUGÉ. Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

AZEVEDO, Cinara Leal. *et al.* **Alegria e festa colorida no “día de muertos”**: a cultura mexicana na aula de língua espanhola. 2013. 16 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Espanhol) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013, Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/22828/13487>>. Acesso em: 15 maio 2018.

BARROS, Wellington S. **Mobilidade humana e pluralismo religioso: A missão Paz e o diálogo inter-religioso**. São Paulo: Mineo, 2017.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: A orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BERGER, Peter L. **Rumor de anjos: A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural**. Petrópolis: Vozes, 2018.

BRASIL. **Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850**. Dispõe sobre as terras devolutas no império; e determina que, medidas e demarcadas as primeiras, sejam elas cedidas a título oneroso. Rio de Janeiro, 1850.

BRASIL. **Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997**. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Brasília, 1997.

BRASIL. **Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017**. Institui a Lei de Migração. Brasília, 2017.

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil:** arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. **Questões sobre depoimentos orais.** Síntese apresentada em aula no dia 02 de outubro de 2020.

CARVALHO, Daniel; FILHO, José Ramalho F. M. A força do Rito: Entrevista a Giorgio Bonaccorso. In: **Revista de Liturgia**, n. 281, set/out. 2020, p. 15-19.

CAVALCANTI, L. *et al.* **Resumo Executivo.** Imigração e Refúgio no Brasil. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública / Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2019. Disponível em: <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>>. Acesso em: 01 fev. 2020.

CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Campanha da Fraternidade.** Disponível em: <<https://campanhas.cnbb.org.br/campanha-da-fraternidade>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO 1983. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2001.

CULTURA JAPONESA. História do bairro da Liberdade: Rua Conde de Sarzedas. São Paulo. Disponível em: <http://www.culturajaponesa.com.br/?page_id=312>. Acesso em: 10 jan. 2023.

DANIEL, Camila. Novas rotas na migração sul-sul: O caso dos peruanos no Brasil. In: **Revista Travessia**. nº 73. jul/dez. 2013, p. 31-40.

HAAH, Carlos. A saudade que mata. In: **Pesquisa FAPESP**. Edição 172. Jun. 2010, p. 87 – 89.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade.** 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento.** IBGE: Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

JOSEPH, Jean Anel. **Missão e igreja local:** Um estudo do Vodou haitiano no contexto do pluralismo religioso. Dissertação (Mestrado em Teologia sistemática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.

LEMOS, Maria Tereza Toribio Brittes. Marcas identitárias e resistência cultural: festas e rituais no México. In: **Dossiê Identidade e diferença na América Latina**, n. 5. Rio de Janeiro, 2009. p. 111-124.

LUJÁN, José Eric Mendoza. **Que viva el día de Muertos:** rituales que hay que viver en torno a la muerte. In: Cuadernos del Patrimonio cultural y turismo, n.16. 2016, p. 23-39.

MARX, Murillo. **Nosso chão: do sagrado ao profano**. São Paulo: EDUSP, 1988.

MCAULIFFE, M.; A. Triandafyllidou (eds.). **Informe sobre las Migraciones en el Mundo 2022**. Organización Internacional para las Migraciones (OIM), Ginebra, 2022.

MISSÃO PAZ. **Missão, visão, valores**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.missaospaz.org/conteudo/quem-somos/missao-visao-e-valores>>. Acesso em: 01 fev. 2020.

MISSÃO PAZ. **Institucional, estatísticas**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.missaospaz.org/conteudo/presenca/estatisticas>>. Acesso em 19 mar. 2021.

NEVES, Cylaine Maria das. **A vila de São Paulo de Piratininga: Fundação e representação**. São Paulo: Annablume, 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. ONU News (27 nov. 2019). **Número de migrantes internacionais no mundo chega a 272 milhões**. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2019/11/1696031>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

PARISE, Paolo. Os migrantes da América do Sul e suas expressões religiosas na cidade de São Paulo. In: COUTINHO, Suzana Ramos; SANCHES, Wagner Lopes. (Orgs). **Diferentes e Iguais: religiões e dinâmicas migratórias na cidade de São Paulo**. São Paulo: EDUC, 2021, p. 179-195.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Plano Municipal de Habitação de São Paulo: caderno para discussão pública**. São Paulo, 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO - Secretária Municipal de Habitação. São Paulo. Disponível em: <<http://www.habitasampa.inf.br/habitacao/>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

SANTOS, José Arnaldo J. **Sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja no terceiro milênio! O São Paulo**. São Paulo, 18 dez. 2019 a 14 jan. 2020.

SAYAD. Abdelmalek. O retorno: Elemento constitutivo da condição do imigrante. In: **Revista Travessia**. Edição Especial. Jan. 2000, p. 7-32.

SÃO PAULO. **Lei nº 233, de 02 de março de 1894**. Estabelece o código sanitário do Município de São Paulo. São Paulo, 1894.

SÃO PAULO. **Lei nº 498, de 14 de dezembro de 1900**. Estabelece prescrições para construção de casas de habitação operária. São Paulo, 1900.

SÃO PAULO. **Lei nº 10.928, de 08 de janeiro de 1991 (Lei Moura)**. Regulamenta o inciso II do artigo 148 combinado com o inciso V do artigo 149 da Lei Orgânica do

Município de São Paulo, dispõe sobre as condições de habitação dos cortiços e dá outras providências. São Paulo, 1991.

SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES. **Quem somos.** [s.d.]. Disponível em: <<https://spmigrantes.wordpress.com/quem-somos/>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

SEVERINO, José Roberto. **Migrar/emigrar/imigrar: algumas reflexões sobre cultura e território.** Anais do VIII ENECULT. Salvador, 2012. Disponível em: <https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=en&user=Dfk0X7wAAAAJ&citation_for_view=Dfk0X7wAAAAJ:qjMakFHDy7sC>. Acesso em: 10 set. 2021.

SILANUS, Eleonora. **Lampedusa, a porta da Europa.** (10 mar. 2016). MigraMundo. Disponível em: <<https://migramundo.com/lampedusa-a-porta-da-europa/>>. Acesso em: 03 ago. 2021.

TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: três cidades em um século.** 2. ed. aum. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

TOLEDO, Benedito Lima de. **Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo.** São Paulo: Empresa das Artes, 1996.

ANEXO 1 - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

GRUPO 01: INTERLOCUTORES QUALIFICADOS

NOME:	IDADE:
NACIONALIDADE:	SEXO:
FORMAÇÃO/PROFISSÃO:	
QUAL A SUA FUNÇÃO NA MISSÃO PAZ?	
COMO VOCÊ CHEGOU NA MISSÃO PAZ? COLABORADOR - VOLUNTÁRIO	
O QUE É A MISSÃO PAZ PARA VOCÊ? O QUE VOCÊ CONSIDERA COMO A BASE (FUNDAMENTO) DA MISSÃO PAZ?	
ALÉM DA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL / PASTORAL, VOCÊ PARTICIPA DAS ATIVIDADES CULTURAIS / RELIGIOSAS QUE ACONTECEM NO PÁTIO OU SALÃO DA MISSÃO PAZ?	
COMO VOCÊ PERCEBE O PROCESSO DE CHEGADA E ADAPTAÇÃO DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DOS MIGRANTES?	
COMO VOCÊS OBSERVAM O PAPEL DAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ENTRE OS MIGRANTES?	
FALE UM POUCO SOBRE A SUA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA. COMO ERAM VIVIDAS AS FESTAS RELIGIOSAS? E A FESTA EM HONRA AO SENHOR DO MILAGRES?	
VOCÊ PERCEBE UMA BUCA POR RESIGNIFICAÇÃO DA FÉ ENTRE OS MIGRANTES?	
ALGO MAIS QUE GOSTARIA DE COMPARTILHAR?	
DEVO USAR OUTRO NOME AO USAR TRECHOS DA ENTREVISTA NO TEXTO?	
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:	

GRUPO 02: MIGRANTES MEXICANOS e PERUANOS

NOME:	IDADE:
NACIONALIDADE:	SEXO:
ONDE MORA:	
QUANTO TEMPO ESTÁ NO BRASIL?	
A VINDA PARA O BRASIL FOI SUA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE DESLOCAMENTO?	
QUANTO A FAMÍLIA, VIERAM TODOS? QUEM VEIO E QUEM FICOU?	
HÁ CONTATO COM OS QUE FICARAM? DEPOIS QUE VEIO PARA O BRASIL, JÁ VOLTOU AO PAÍS PARA VISITA OU O FAMILIARES JÁ VIERAM VISITAR?	
POR QUE VOCÊ DECIDIU VIR PARA O BRASIL? COMO FOI A SAÍDA E CHEGADA?	
QUAL A IMPORTÂNCIA DA MISSÃO PAZ NESSE PROCESSO DE CHEGADA?	
FALE UM POUCO SOBRE A SUA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA. COMO ERAM VIVIDAS AS FESTAS RELIGIOSAS? E A FESTA EM HONRA AO SENHOR DO MILAGRES?	
COMO FOI VIVER ESSA EXPERIÊNCIA AQUI NO BRASIL? COMO A MISSÃO PAZ COLABOROU NA VIVÊNCIA DAS MANIFESÇÕES RELIGIOSAS?	
HOUE MOMENTOS DE CRISES? SE SIM, O QUE AJUDOU NO PROCESSOD E RESIGNIFICAÇÃO?	
QUAL A IMPORTÂNCIA DA FESTA PARA A CONSERVAÇÃO DAS TRADIÇÕES, DOS COSTUMES E DOS VALORES FAMILIARES, CULTURAI E SOCIAIS?	
ALGO MAIS QUE GOSTARIA DE COMPARTILHAR?	
DEVO USAR OUTRO NOME AO USAR TRECHOS DA ENTREVISTA NO TEXTO?	
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:	

ANEXO 2 – RELAÇÃO DAS PESSOAS ENTREVISTADAS

GRUPO 01: INTERLOCUTORES QUALIFICADOS

NOME: JOSÉ CARLOS ALVES PEREIRA	IDADE: -
NACIONALIDADE: BRASILEIRO (MINAS GERAIS)	
LUGAR DE FALA: MISSÃO PAZ: EDITOR DA REVISTA TRAVESSIA – ASSESSORIA – MEDIADOR ENTRE UNIVERSIDADES – PESQUISADOR DO CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS	
FORMAÇÃO: É bacharel licenciado em Ciências Sociais pela UNESP - Universidade Estadual Paulista - Campus de Araraquara; Mestre em Sociologia pela UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas; Doutor em Sociologia pela UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas.	
DATA DA ENTREVISTA E MODALIDADE: 24/09/2021 – Plataforma: Google Meet e WhatsApp	
PERMISSÃO DE USO DE NOME E FALA: TOTALMENTE AUTORIZADO (Registro em gravação)	

NOME: PE. ANTENOR DALLA VECCHIA	IDADE: -
NACIONALIDADE: BRASILEIRO (RIO GRANDE DO SUL)	
LUGAR DE FALA: MISSIONÁRIO SCALABRINIANO PÁROCO DA IGREJA NOSSA SENHORA DA PAZ DIRETOR DA CASA DO MIGRANTE REFERENCIAL ECLESIAÍSTICO E MEMBRO DO SERVIÇO DE PASTORAL DO MIGRANTE	
FORMAÇÃO: Bacharel em Teologia e Filosofia	
DATA DA ENTREVISTA E MODALIDADE: 19/10/2021 – Plataforma: Google Meet	
PERMISSÃO DE USO DE NOME E FALA: TOTALMENTE AUTORIZADO (Registro em gravação)	

NOME: PE. PAOLO PARISE	IDADE: 54
NACIONALIDADE: ITALIANO	
LUGAR DE FALA: MISSIONÁRIO SCALABRINIANO PROFESSOR TITULAR DO INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES PROFESSOR DO INSTITUTO TEOLÓGICO SÉ DIRETOR DO CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS.	
FORMAÇÃO: Graduado em teologia pelo Instituto Teologico São Paulo (2005), mestre em Teologia pela Pontificia Universitá Gregoriana (1998) e doutor em Teologia pela Pontificia Universitá Gregoriana (2010). Atualmente é membro de corpo editorial da Revista Travessia (São Paulo).	
DATA DA ENTREVISTA E MODALIDADE: 07/10/2021 – Plataforma: Google Meet	
PERMISSÃO DE USO DE NOME E FALA: TOTALMENTE AUTORIZADO (Registro em gravação)	

GRUPO 02: MIGRANTES MEXICANOS

NOME: FERNANDO DAMIÁN CRUZ LOPES		IDADE: 32
NACIONALIDADE: MEXICANO (PORTO DE VERA CRUZ)	RESIDE: SÃO PAULO/SP	
LUGAR DE FALA: MIGRANTE MEXICANO		
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: Chegou ao Brasil como missionário Scalabriniano, depois de alguns anos deixou a Congregação. Hoje é casado, trabalha na Pastoral de Colégio de inspiração católica e é Professor de Língua Espanhola.		
DATA DA ENTREVISTA E MODALIDADE: 03/11/2021 – Plataforma: Google Meet		
PERMISSÃO DE USO DE NOME E FALA: TOTALMENTE AUTORIZADO (Registro em gravação)		

NOME: MARIA FERNANDA COTA MONTOYA		IDADE: 39
NACIONALIDADE: MEXICANA	RESIDE: SÃO PAULO/SP	
LUGAR DE FALA: MIGRANTE MEXICANA		
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: Chegou ao Brasil há oito anos		
DATA DA ENTREVISTA E MODALIDADE: 26/11/2021 – Plataforma: Google Meet		
PERMISSÃO DE USO DE NOME E FALA: TOTALMENTE AUTORIZADO (Registro em gravação)		

NOME: CLÁUDIA CAMPOS RÚBIO		IDADE: 39
NACIONALIDADE: MEXICANA	RESIDE: SÃO PAULO/SP	
LUGAR DE FALA: MIGRANTE MEXICANA		
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: Chegou ao Brasil há seis anos, conheceu o marido brasileiro no México e aqui constituiu sua família		
DATA DA ENTREVISTA E MODALIDADE: 27/11/2021 – Plataforma: Google Meet		
PERMISSÃO DE USO DE NOME E FALA: TOTALMENTE AUTORIZADO (Registro em gravação)		

NOME: VIRGÍNIA LANDI RODRIGUES		IDADE: 30
NACIONALIDADE: MEXICANA	RESIDE: CAXIAS DO SUL/RS	
LUGAR DE FALA:		

MIGRANTE MEXICANA	
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: Virgínia ficou no Brasil por cinco anos, veio para o período de formação nas Irmãs Pias Discípulas do Divino Mestre, no período da entrevista residia em Caxias do Sul/RS, depois de passar pela cidade de Cabreúva/SP. Hoje, Virgínia, já retornou para o México.	
DATA DA ENTREVISTA E MODALIDADE: 29/11/2021 – Plataforma: WhatsApp	
PERMISSÃO DE USO DE NOME E FALA: TOTALMENTE AUTORIZADO (Registro em gravação)	

NOME: JANET ALONSO GARCIA		IDADE: 48
NACIONALIDADE: MEXICANA (CIDADE DO MÉXICO)	RESIDE: SÃO PAULO/SP	
LUGAR DE FALA: MIGRANTE MEXICANA		
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: Chegou ao Brasil em 1999.		
DATA DA ENTREVISTA E MODALIDADE: 29/11/2021 – Plataforma: WhatsApp		
PERMISSÃO DE USO DE NOME E FALA: TOTALMENTE AUTORIZADO (Registro em gravação)		

GRUPO 03: MIGRANTES PERUANOS

NOME: DIANA CAROLINA SALAZAR TRUJILLO		IDADE: 28
NACIONALIDADE: PERUANA (LIMA)	RESIDE: SÃO PAULO/SP	
LUGAR DE FALA: MIGRANTE PERUANA		
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: Chegou ao Brasil em 2011. Sua mãe veio antes para trabalhar em casa de família, depois de estabilizada a trouxe para morar com ela. Aqui se formou em Jornalismo e está construindo sua vida. Alegria-se em dizer que nasceu no dia da Festa do <i>Señor de Los Milagros</i> – 28 de outubro		
DATA DA ENTREVISTA E MODALIDADE: 20/09/2021 – Plataforma: Google Meet		
PERMISSÃO DE USO DE NOME E FALA: TOTALMENTE AUTORIZADO (Registro em gravação)		

NOME: YOLANDA SILVERIA ROQUE YANA		IDADE: 50
NACIONALIDADE: PERUANA (JUILHACA e LIMA)	RESIDE: SÃO PAULO/SP	
LUGAR DE FALA: MIGRANTE PERUANA		

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: Está há trinta anos no Brasil, tendo passado primeiro pela Argentina. Hoje colabora na pastoral da Paróquia Santa Cruz, participa da Renovação Carismática Católica e da organização da Festa do <i>Señor de Los Milagros</i> , na Missão Paz.	
DATA DA ENTREVISTA E MODALIDADE: 20/09/2021 – Plataforma: WhatsApp	
PERMISSÃO DE USO DE NOME E FALA: TOTALMENTE AUTORIZADO (Registro em gravação)	

NOME: VICTOR GONZALES		IDADE: 44
NACIONALIDADE: PERUANO (ARECHIPA)	RESIDE: SÃO PAULO/SP	
LUGAR DE FALA: MIGRANTE PERUANO		
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: Está no Brasil há 21 anos. Trabalha como Designer Gráfico.		
DATA DA ENTREVISTA E MODALIDADE: 23/09/2021 – Plataforma: Google Meet		
PERMISSÃO DE USO DE NOME E FALA: TOTALMENTE AUTORIZADO (Registro em gravação)		

NOME: ELVIRA GONZALES		IDADE: 62
NACIONALIDADE: PERUANA (LIMA)	RESIDE: SÃO PAULO/SP	
LUGAR DE FALA: MIGRANTE PERUANA		
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: Veio para o Brasil em 2005 e desde 2009 trabalha na Missão Paz, no acolhimento e atendimento aos Migrantes. Colabora na pastoral e na organização e preparação da festa do <i>Señor de Los Milagros</i> .		
DATA DA ENTREVISTA E MODALIDADE: 25/09/2021 – Plataforma: Google Meet		
PERMISSÃO DE USO DE NOME E FALA: TOTALMENTE AUTORIZADO (Registro em gravação)		